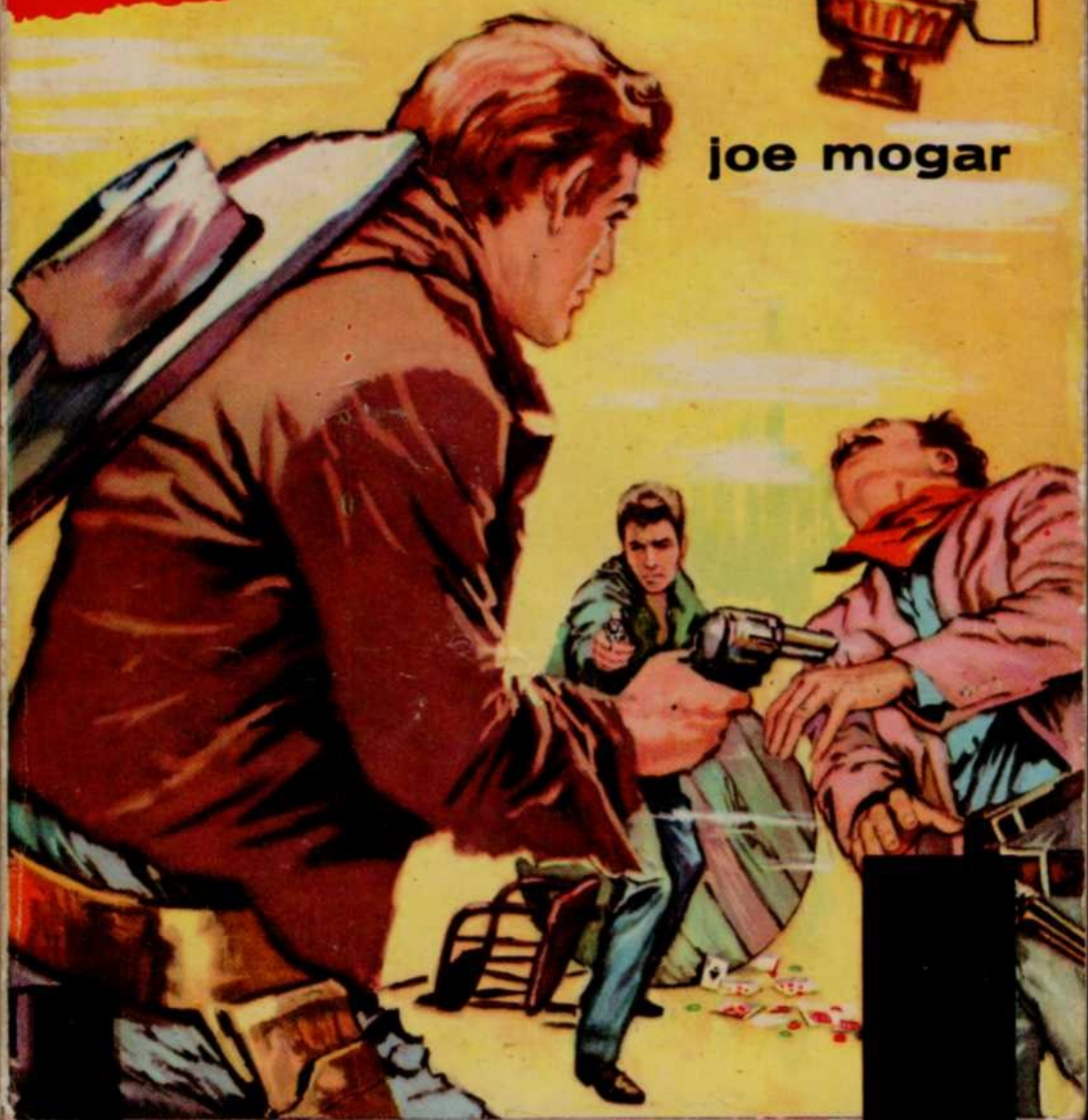




RIO DO ÓDIO

joe mogar



Rio do Ódio

Joe Mogar

Resumo:

Crystal Dumein, só queria salvar o barco casino que fora de seu pai, fugindo ardilosamente de um casamento por obrigação envolve-se numa historia de amor não correspondida.... ou talvez não. As margens do rio de Nova Orleans serão palco destas aventuras com um final feliz.

CAPÍTULO I

Chamava-se Crystal Dumeine. E era exatamente isso: um pirilampo do rio, alta e delgada, de curvas fascinantes capazes de desequilibrar o capitão do barco em que estivesse. Era orgulhosa e ativa. Morena, de olhos rasgados, grandes e negros como um poço ou uma montanha.

A boca de lábios carnudos, vermelhos e sumarentos, incitava ao beijo. Seus seios eram altos e atrevidos, cintura estreita, quadris de ânfora e pernas longas, maravilhosas, envoltas em meias compridas e negras na maioria das vezes.

No dizer de quantos a conheciam, Crystal era uma verdadeira dama nativa, embora sempre houvesse alguém que opinasse o contrário. Entretanto, todos concordavam que era tão perigosa como uma cascavel ou um jaguar das planícies do Texas.

Principalmente quando se aborrecia, coisa que acontecia com frequência.

Havia algo mais: Crystal Dumaine podia ser uma verdadeira dama, mas também era jogadora profissional.

Estava agora com os cotovelos apoiados no balaústre do convés, olhando as águas do Mississipi. Usava um vestido vermelho como uma chama, cingido ao corpo como uma segunda pele. Incendiava os olhos. Isso era tudo.

Na cabeça, um chapeuzinho enfeitado com plumas multicores e nos pés sapatos de salto alto, também vermelhos.

O barco que navegava, girando as pás rio acima, era seu e continuaria a sê-lo, mas por pouco tempo. Havia um homem a bordo, disposto a arrebatá-lo de um modo ou de outro.

Estava pensando nisso. Na morte de seu pai, o anterior dono do barco, que o deixara como herança e que agora estava a ponto de perder. Era o espinho que Crystal levava cravado no coração.

Enfim, examinando-a por todos os lados, havia apenas uma coisa de boa nela: ninguém jamais poderia dizer que a beijara. Crystal ia direto ao assunto. Muitos ou

quase todos, sabiam disso e talvez por esse motivo o barco se enchesse dia a dia, com o afã de conquistá-la e igualmente aos dólares que pudesse ter.

Contudo, Crystal parecia ter o faro de um cão de caça. Via quando chegavam, sorriam-lhes com os olhos e não com a boca. Depois, os dólares dos conquistadores passavam para suas mãos.

Então, não havia contemplações. O sorriso desaparecia-lhe dos olhos, enquanto dizia em tom altaneiro:

— Lamento, senhor... Fica para outro dia.

Eram frases que já constituíam lenda em torno dela. Frases já ouvidas por uma infinidade de jovens endinheirados da boa sociedade de Nova Orleans e para os quais, contra toda a lógica, pareciam ainda maior incentivo.

Crystal Dumeine saberia disso? Refletia no fato ou se portava daquela maneira por que em sua cabecinha haveria apenas uma ideia fixa?

Estas e outras perguntas eram as que se faziam os homens que a conheciam. Mas,

apesar de tudo, continuavam indo ao barco noite após noite, dia após dia.

O capitão contemplava-a do timão do “Nepente”, perguntando-se o motivo daquela pressa em subir o rio e em que pensaria ela naquele momento.

Repentinamente, Crystal virou-se para ele e exclamou:

— Mande que aproximem o barco da margem, Loman. Há um homem fazendo sinais. Atire-lhe a ponta de uma corda e que suba. Se não puder pagar, atire-o pela borda.

Afastou-se como uma rainha ofendida, mostrando as maravilhosas pernas desnudas entre o vaivém do vestido vermelho. Como ela, como uma chama que tudo devora e tudo consome.

Admirando-a enquanto caminhava, Barry St. Loman, já perto dos sessenta, arregalou os olhos e gostaria de estar com trinta e cinco anos de menos.

Suspirou profundamente ao saber que seria impossível e imediatamente deu as ordens oportunas.

Meia hora mais tarde, o homem subiu a bordo, levando sobre a cabeça um reluzente

"Winchester" e os dois impressionantes "Colts" 45, pendurados sobre as coxas e com os coldres amarrados a elas pelas clássicas e trançadas corredinhas de couro. Entretanto, sabendo que apesar da hora matinal haveria muitos homens na sala de jogo, um enorme compartimento mobilado exclusivamente para isso, Crystal dirigiu-se para lá.

Apoiou os cotovelos no balcão e, antes de poder pedir algo, o "barman" serviu-lhe uma taça de "Bourbon". Crystal levantou-a no ar, mas não chegou a beber, impedida pela voz que repentinamente soou às suas costas:

— Olá, Crystal! Onde esteve até agora?

Crystal não precisava virar-se para saber que era Larry O'Hara, um dos profissionais do barco. O homem a quem mais odiava na vida, apesar de dever-lhe alguns favores, os quais ele queria cobrar de um modo que ela jamais permitiria.

Em certa ocasião, O'Hara lhe facilitara uma boa quantia de dólares. Aceitou porque não tinha alternativa e agora ele era seu sócio

no barco. Um sócio que arrebataria tudo dentro em breve.

Depois, a pedido dele, ela fora adiando o pagamento e agora enfrentava um pedido de casamento e uma ameaça. Via-se num dilema. Se pagasse dos dólares que possuía, o resto que era o mais importante para ela, iria por água abaixo.

Por outro lado, sabia onde pisava, em relação a O'Hara. Talvez amasse, conforme dizia, mas também seus dólares e o "Nepente" fitavam por meio.

Contudo, havia algo mais que também sabia. O'Hara fizera tudo muito bem. Em cada porto onde ancorara o "Nepente", subira um jogador, cinco ao todo. Justamente os homens dele. Crystal sentia-se presa em seu próprio barco. Seu apenas no nome.

Crystal olhou para ele antes de responder. Era um homem alto e ossudo. De cabelo louro encaraecolado e olhos azuis. Convencido de si mesmo e com um cínico sorriso nos lábios finos e cruéis.

O'Hara trajava-se como todo jogador. Calças de listas e sobrecasaca, sob cujas

abas viam-se as negras coronhas dos dois "Colts" 45. Crystal sabia que era muito rápido. Por várias ocasiões, uma alteração na sala de jogo degenerara na morte de algum jogador.

— Estava no convés — replicou finalmente.

— Mas não creio que isso lhe interesse, O'Hara.

— Continua enganando-se, Crystal — replicou ele. — Sabe que a amo e que farei todo o possível para torná-la minha.

Crystal mostrou sua dupla fileira de dentinhos brancos, ao atirar a cabeça para trás e rir. O'Hara cravou os olhos naquela alva garganta e fez um esforço para conter-se, sem saber que o riso era sua arma favorita para esconder o medo que tinha dele.

— Mas não eu — replicou ao acalmar-se. — Já lhe disse uma infinidade de vezes. Passe esta noite por meu gabinete e pagar-lhe-ei o que devo. Poderá deixar o barco assim que tocarmos no próximo porto. Creia que lamento sinceramente não poder amá-lo, Larry — terminou, chamando-o pelo primeiro nome.

Agora foi O'Hara quem riu.

— Não quero seus dólares, Crystal — afirmou. — Apenas você, infernos! E isso é tudo.

Crystal perdeu o controle, esquecendo o medo de antes.

— Talvez seja verdade, "monsieur" — replicou, mordendo as palavras. — Mas não acredito. Acha-me alguma estúpida? O que deseja é o barco com tudo o que contém, inclusive eu, naturalmente. Acha que não percebi? Por que então esse afã em não receber seus dólares de volta?

O sorriso de O'Hara gelou-se-lhe nos lábios.

— Sempre disse que você era uma mulher inteligente — replicou. — Amo-a, mas desejo muito mais o barco com tudo que contém, compreende, Crystal? Agora já sabe de tudo. Tem algo a dizer em contrário?

— Que você não passa de um coioote sujo, O'Hara, raios, se eu tivesse uma arma agora! Havia de matá-lo imediatamente!

— E não sairia viva daqui, Crystal. Agora lhe peço para não levar as coisas a tal extremo. Meus homens e eu somos os

donos do "Nepente", portanto deve resignar-se. Agora terá tempo para pensar no que lhe é conveniente até nossa chegada a Rosedale. Isto é — acrescentou, após uma curta pausa — até a véspera da atracação. O capitão deste barco tem poderes para efetuar um casamento. Reflita bem, Crystal!

— Já refleti há muito, "monsieur". Portanto, prefiro morrer a consentir no que quer.

O'Hara contemplou-a com um sorriso que causava arrepios.

- Talvez eu a mate realmente, Crystal - disse - Testemunhas suspeitas sempre são um estorvo. Assim, evitarei aborrecimentos e você perderá o barco e a vida. Repito-lhe para refletir. Perderá muito mais do que eu nesta partida, Crystal. Por outro lado — acrescentou cinicamente, — acho-me bem capacitado para representar o papel de bom marido.

Antes de Crystal poder responder, O'Hara deu meia volta e caminhou para a porta de saída, enquanto ela começava a sorver lentamente seu "Bourbon", contemplando os jogadores.

Segundo parecia, ninguém percebera a estranha e significativa conversa dos dois.

CAPÍTULO II

Ao terminar de beber, Crystal olhou para os jogadores. Havia apenas três que lhe eram fiéis, segundo imaginava. Os outros cinco, jogadores e pistoleiros a um só tempo, eram os homens de Larry O'Hara.

Ao fitá-los, novamente, mergulhados nos dados, cartas ou roleta, Crystal compreendeu subitamente que não poderia contar com nenhum deles. Os que até então tinham sido seus guarda-costas, ficariam ao lado do mais forte: Larry O'Hara.

Sem saber o que fazer, Crystal aproximou-se da mesa ocupada pelos jogadores de dados. Pouco depois era absorvida pela partida e cinco minutos mais tarde apareceu um homem na soleira da porta.

Seu olhar gélido e cortante como o fio de um punhal, examinou de lá as mesas. Depois abandonou a porta e avançou diretamente para Crystal.

No meio do aposento, como se tivesse mudado de idéia, o desconhecido girou inteiramente e foi para o balcão.

Ali, sua voz tão fria e distante como a expressão que trazia nos olhos.

- Ponha-me uísque - ordenou.

O "barman" espantou-se, percebendo que não vira aquele novo personagem embarcar em parte alguma e, imediatamente, perguntou-se quem seria.

Observou-o dissimuladamente, enquanto servia a bebida, achando que seu aspecto impressionaria qualquer pessoa. Tinha diante dele o clássico pistoleiro do Oeste.

Uma espécie de colete de pele de anta cobria seu peito de gigante. Na estreita cintura havia um duplo cinturão-cartucheira, cruzado, cheio de projéteis 45. Imediatamente notou o par de "Colts", que ratificaram sua primeira impressão.

As calças estreitas, azuladas e de bainha dobrada sobre as surradas botas texanas, com esporas de enorme rodas dentadas. O chapéu que lhe cobria a cabeça de revoltos cabelos louros e anelados, era clássico entre os jogadores.

Sua altura devia ir a um metro e noventa, com a idade oscilando entre os vinte e cinco a trinta anos. Por baixo da aba do chapéu, avistava-se a fronte ampla e espessas sobancelhas sobre olhos cinzentos de incrível brilho. Toda sua atitude desprendia uma segurança fora do comum, embora suas roupas destoassem marcadamente dos cavalheiros encaseados e elegantes damas.

- Já fui bem examinado ou preciso virar-me de costas?

O "barman" sobressaltou-se ao ouvir aquela voz fria como a morte. Não respondeu. Limitou-se a dirigir a atenção para as prateleiras, simulando atender ao pedido de alguns clientes no outro extremo do balcão e que também não tiravam os olhos do rústico desconhecido.

Este também não insistiu na pergunta, pois levou o copo à boca, bebendo lentamente, apreciando a bebida. Em seguida deixou um dólar sobre o balcão.

- Guarde o troco - disse, sempre no mesmo tom gélido. - Gosto de pagar a curiosidade alheia.

Sem dizer mais nada, deu meia volta e caminhou com passo decidido em direção de Crystal. Ficou às suas costas durante algum tempo, admirando a perícia com que ela lançava os dados.

Por alguns segundos imaginou se não estariam lastrados, mas logo expulsou a idéia para olhar em torno. Então percebeu que todos os rostos estavam virados para ele.

Com uma curiosidade não isenta de temor. Sorriu duramente e tornou a passear os olhos em volta.

Mal Crystal deixou o convés, Barry St. Loman fez o que ela ordenou. Imediatamente chamou seu piloto em voz estentórica:

- Todo o leme a bombordo, Luky. Encoste à margem o mais possível.

Foi então que assomou à borda. Em meio segundo avistou o homem que agitava na margem, um pedaço de trapo branco.

Quando o calado do "Nepente" não permitiu que se aproximasse mais, deu ordem de parada.

Instantes depois, um marinheiro jogou uma corda à água e outro pendurou uma escadinha de mão no costado do barco. O indivíduo entrou na água, segurou a corda e em seguida escalou a escadinha. Minutos depois estava no convés, escorrendo água por todos os lados. Deixou o rifle apoiado a um lado e, sem agradecer, começou a colocar na cintura os dois impressionantes revólveres.

Em seguida olhou para St. Loman.

- Vai a Rosedale, não?

- Sim, mas tenho ordens a seu respeito, forasteiro. Terá que pagar a passagem. Se não tem... .

- Quê...? — interrompeu o desconhecido.

- Temos que atirá-lo pelo borda. É a ordem.

- De quem?

- Da dona. Miss Crystal Dumeine.

- Disse quantos homens teriam que atirar-me?

E riu, parecendo divertir-se, embora seu riso fosse tão seco e frio como todo ele. O capitão fez um gesto agressivo e correu a mão para a coronha do "Colt".

- Deixe esse brinquedo, amigo! Poderia machucar-se e eu não me perdoaria.

St. Loman ficou imóvel, fitando aereamente os dois "Colts" do desconhecido, já apontados para o meio de seu peito. Como em sonhos, continuou a ouvi-lo dizer:

- Não se preocupe, capitão. Vou pagar minha passagem. Isso, desde que haja um bom camarote até Rosedale e somente meu. Quanto?

- Quinhentos dólares.

- É um roubo!

- É o preço, forasteiro - respirou St. Loman, quando o viu guardar rapidamente as armas, após girá-las no indicador. - Compreenda que não sou o dono, é o preço que miss Dumeine estabeleceu para os que recolhe no rio.

O forasteiro não replicou. Aproximou-se do pacote que depositara ao lado do rifle, dando calmamente as costas para St. Loman. Remexeu por entre as coroas e, finalmente, apanhou um avultado maço de notas. Separou algumas e as entregou.

- Quinhentos dólares - disse friamente. - Pode contar.

- Não é preciso, "mister". Pode dizer-me seu nome?

O pistoleiro iniciou um estranho sorriso.

- Jack Evanz - disse depois, para perguntar em seguida - Algo mais? Caso contrário, mostre-me meu camarote.

Entregou-lhe mais dez dólares que St. Loman guardou apressadamente num bolso. Seguiu o passageiro pela escadinha e depois pelo corredor, até um camarote.

- Pode ficar com este e espero que esteja a gosto. Por outro lado, é o único desocupado.

Evanz sorriu. Como sempre, seu sorriso foi puro gelo. Em seguida, agradeceu lentamente, dando a impressão de que fazia um imenso esforço.

Prosseguindo, sem dizer palavra, entrou no camarote, enquanto às suas costas, Loman movia a cabeça de um lado para outro, pensando que levava a bordo o pior pistoleiro que já pisara o Oeste desde cinco anos antes.

Evanz despiu-se rapidamente, para vestir as roupas que levava no embrulho. Depois, começou a pensar.

Como sempre que estava sozinho. Também como sempre, pensou num homem e numa mulher. Mas, aquilo fora há tanto tempo! Por onde andariam agora? Em Rosedale? Imaginava que sim, mas deu de ombros, em atitude fata lista.

Despira o uniforme do exército do Norte há cinco anos e desde então percorrera o Oeste, procurando o par que, segundo as últimas informações, estaria em Rosedale, na margem direita do Mississippi.

Minutos mais tarde, Evanz continuava pensando, mas agora o objeto de seus pensamentos era Crystal Dumeine, perguntando-se quem seria ela e que fazia, como proprietária de um barco como o "Nepente", um verdadeiro cassino flutuante.

Uma jogadora trapaceira? Talvez.

Evanz formulara a pergunta muito antes e deu a resposta já completamente vestido e no corredor, abrindo e fechando portas... algumas das quais com grande precipitação.

Pouco se importava com o que estivesse no interior!

Afinal encontrou o que procurava. A sala de jogo. E ali ficou, às costas dela, olhando-a silenciosamente, admirando suas mãos elegantes e finas, agora sem as luvas vermelhas que estavam ao lado, para poder jogar melhor.

Continuava ganhando quase indefinidamente.

Um dos jogadores atirava os dados naquele momento. Evanz viu como um dos dados marcava cinco e o outro um. Crystal atirou o "ponto" da casa. Então deu um passo, estendeu o braço e sua mão roçou na dela.

- Mil dólares no sete - disse friamente, - De acordo, "miss"?

Ela não respondeu logo. Limitou-se a fitá-lo, estudando-o. Talvez imaginando quem fosse, sem recordar naquele momento o homem que vira à margem do rio.

Evanz notou o exame minucioso de que era objeto, num olhar tão frio quanto o seu.

- Quando um homem fala comigo, tira o chapéu, forasteiro. Isso, se não quiser passar por mim como mal-educado.

Evanz riu caladamente, o que contribuiu para aumentar a cólera da moça.

- Sempre me descubro diante de uma dama, encanto - replicou depois. - Contudo, você agora é para mim apenas uma jogadora profissional. Mil dólares no sete. Sim ou não?

Aquelas cínicas palavras, ditas em tom indiferente, parecendo não dar importância a quem eram dirigidas, liquidaram o resto de serenidade de Crystal.

Primeiro empalideceu e depois seu rosto ficou cor-de-tomate maduro. O busto palpitou descompassadamente e levantou-se, atirando ao chão a cadeira que usara.

Como uma cascavel, sem dizer palavra, Crystal atirou-se contra ele, levantando a mão para esbofetear, mas Evanz segurou-a a tempo.

Sua boca deixara de rir, mas estava entreaberta, como se pretendesse continuar o sorriso de um momento para outro.

- Solte-me! Solte-me. já disse!

Naquele instante, ouviram um rumor surdo e depois o arrastar de cadeiras, enquanto os presentes se afastavam das mesas. Junto delas ficaram apenas os jogadores

profissionais, com as mãos tensas, perto dos coldres de ombro.

- Deixe "miss" Dumeine em paz, forasteiro! Está arriscando a vida nisso!

Sem soltá-la, olhou para o que falara. - Jogador, profissional ou trapaceiro. Foi o que Evanz pensou, em menos de um segundo. Alto, louro como o trigo, ossudo, mas sem nada de limpo, segundo sua própria opinião. Fitou-o nos olhos antes de replicar, enquanto Crystal permanecia muito quieta, com a vista cravada na dele, silenciosa, incapaz de dizer algo, esperando que falasse, que dissesse alguma coisa a Pete Stringer, um dos homens de Larry O'Hara e o mais rápido que tinha.

Mesmo esperando qualquer coisa semelhante, Crystal estremeceu, ao ouvi-lo dizer em voz átona, mortal:

- Não gosto de seus modos, amigo. Dê meia volta e desapareça. É um bom conselho. Entretanto, a dama fica comigo. Quero jogar com ela.

Crystal foi então atirada para o extremo oposto do aposento, enquanto suas belas pernas traçavam alguns hieroglifos no ar,

que ninguém viu, todos atentos aos dois homens. Ambos examinavam-se com frialdade.

Crystal tropeçou numa cadeira que veio abaixo, arrastada por sua preciosa e provocante anatomia. Levantou-se com a rapidez de um gato, endireitou as meias, em seguida a saia e, muito espantada, percebeu que sua cólera desaparecera como fumaça.

Sem preocupar-se em analisar fato tão insólito, prestou atenção à resposta que Stringer dava naquele momento:

- Aqui, o único que não faz falta é você. Assim, vá dando o fora, cão ianque!

O rosto de Evanz continuou inalterável ante o insulto, mas Crystal adivinhou que intimamente fervia de cólera. Não tardou a ter a confirmação.

- Saque a arma quando quiser, que vou matá-lo - ouviu-o dizer, ainda mais friamente do que quando se dirigia a ela. - Entretanto, não tente usar a do ombro. O truque é gasto demais, já foi muito visto. Leva dois "Colts". .. não?

Lentamente, Stringer afastou a mão da lapela da sobrecasaca e, inesperadamente, as duas caíram ao longo do corpo. Olhou para Evanz, sem se perturbar, com um meio sorriso nos lábios cruéis e sensuais como os de uma mulher.

Evanz deu um passo de lado, enquanto o Silêncio aumentava, deixando ouvir alguns sussurros. Ele nem os ouviu, atento a todos e aos movimentos do jogador. Pelo menos, era o que pensavam os mudos espectadores da cena, embora não fosse verdade.

CAPÍTULO III

De repente, a mão de Stringer voou para a coronha do "Colt". Segurou-a, freneticamente, puxandoa para cima. Foi tudo o que pôde fazer. Evanz atirou-se ao solo como uma flecha. Quando o tocou, já tinha os dois "Colts" nas mãos. O da esquerda foi o primeiro a cuspir um relâmpago escarlate e uma onça de chumbo. Em seguida, chegou a vez do da direita, por duas vezes, mas agora em direção diferente. Um segundo mais tarde o silêncio tudo abafou, como um presságio funesto.

Dois homens estavam imóveis. Um deles tinha uma rosa avermelhada no peito: Stringer. O outro, Chasse Milton, amigo do primeiro, tinha um negro orifício no meio da testa e outro no coração. Caíra à esquerda de Evanz.

Tombaram ao mesmo tempo, enquanto duas pintadíssimas mulheres soltavam um grito agudo.

Chasse Milton empunhava as armas, portanto a tentativa ficou bem clara para todos. Quisera matar o forasteiro pelas costas.

Enquanto os comentários se iniciavam em todos os tons, Evanz aproximou-se de Crystal com um sorriso tão frio nos lábios que a fez cambalear.

- jogamos essa partida de dados, miss? - perguntou.

Foi então que ela sorriu, assombrando a todos. Ainda sorrindo, encarou um grupo de jogadores.

- Tirem essa carniça da minha frente - disse. Fez uma pausa e virou-se para os outros passageiros: - Aqui nada aconteceu, "messieurs". Continuem jogando. Por outro lado, não é a primeira vez que morre um homem neste barco.

Era uma verdade tão grande como o Mississipi, sobre o qual navegavam. Todos sabiam disso, inclusive Evanz que, sem perder Crystal de vista, recolocava as balas gastas nos revólveres.

Crystal agora o olhava também, estranhando que ficasse tão silencioso e

quieto após a pergunta. Contemplava-a, embora ela estivesse certa de que não a via naquele instante.

Era verdade.

Evanz não a via, apesar de olhá-la. Apesar da saia aberta na frente, apesar de seu maravilhoso e excitante corpo.

Não a via porque pensava outra vez em tudo o que acontecera anos antes, no insulto que Stringer lhe atirara em rosto, já ouvira aquelas palavras muitas vezes, de várias bocas, inclusive nas daquele homem e daquela mulher, dias, meses ou anos antes de partir para a guerra.

Continuava a procurá-los durante o correr dos anos, mas agora não seria como outrora. Do tímido cavalheiro que um dia partira do Sul para incorporar-se à causa do Norte, nada mais restava.

Em seu lugar ficara o frio e implacável pistoleiro, cuja única lei era a de seus gatilhos. Sua própria lei. Sem amigos, sem uma amizade sincera e muito menos dos que um dia amara lealmente.

Por que tudo aquilo acontecera?

Foi interrompido pela voz de Crystal, perguntando ironicamente:

- Não queria jogar, forasteiro? Disse mil dólares no sete, ou ouvi mal?

Evanz sacudiu a cabeça. Fitou-lhe os olhos, seus lábios vermelhos e sensuais e depois o busto alto, rígido e perfeito, agora pulsando suavemente sob o leve tecido do vestido decotado.

Crystal percebeu o exame e abanou-se vagarosamente com as pestanas longas e sedosas. Adiantou malignamente uma de suas bem torneadas pernas.

Por alguns segundos, Evanز ficou tentado a fechar os olhos, mas não o fez. Limitou-se a corrê-los em torno. Como antes, todos os rostos estavam virados para ele.

Virou-se novamente para ela.

- Mil no sete - disse. - Feito?

- Por que não, forasteiro?

Crystal foi a primeira a apanhar os dados de cima da mesa, onde ficaram quando ergueu a mão para esbofetear o rosto que nesse momento a fitava sem a menor impressão.

Por isso tudo, Crystal, jovem, lindíssima, tendo tudo o que uma mulher pode ter e, além do mais, umas pernas capazes de deter o curso do rio, dizia-se que aquele homem não era como os outros que conhecia.

O brilho dos olhos nada significava para ela. Parecia indiferente à sua beleza, como se em vez dela, olhasse para um cactus ou uma gralha.

Agora foi Evanz quem interrompeu seus pensamentos.

- Está com medo, "miss? - perguntou.

Os olhos negros de Crystal refletiram um fogo interior, infernal.

- Vá para o inferno, "monsieur"! - exclamou.

Após a exclamação pouco acadêmica, Crystal dispôs-se a lançar os dados. Foi então que Evanz fez uma inclinação versalhesca, levando a mão ao chapéu para descobrir-se.

Com ele no peito, baixou a cabeça até roçar o chão.

- Pode jogar quando quiser, "Mademoiselle" Dumeine - disse, no mais puro francês.

Crystal ficou alguns segundos em suspenso, olhando para ele. Seu rosto parecia uma máscara. Depois, com expressão acre, atirou os dados que, pela primeira vez em certo tempo, marcaram um cinco.

Como se fosse um sinal, os jogadores agruparam-se em torno deles, no mais completo silêncio.

O grupo de espectadores aumentou consideravelmente, quando as mulheres pintadas aproximaram-se e, com elas, os cavalheiros encasacados. Sem saber porque, talvez avisados por um sexto sentido, percebiam que aquela não era apenas um simples partida a mais.

Nesse instante, Evanz preparou-se para atirar os dados, mas antes disso olhou para Crystal.

- Acho que me deve mil dólares, "Mademoiselle" Dumeine.

Crystal endureceu o rosto numa careta, enquanto sentia uma incrível vontade de esbofetear o forasteiro, vontade que aumentou quando viu que os dados marcavam um sete.

Como se fosse pouco, ouviu sua voz, agora algo zombeteira:

- Posso dar-lhe a desforra, se não tem medo de perder. Dois mil dólares no sete, "Miss" Dumeine - disse, desta vez expressando-se em inglês.

Entreolharam-se, desafiantes, enquanto o cerco de curiosos aumentava.

Segundo parecia, correria o comentário de que' algo inédito acontecia naquela mesa, já que todos corriam para assistir.

O capitão St. Loman também estava ali. O único que não se avistava em parte alguma era Larry O'Hara.

Evanz não sabia de nada disso, embora notasse a falta de três jogadores na sala. Dois tinham morrido e o terceiro saíra sem nada dizer.

Enquanto pensava, Crystal aceitou o desafio com uma careta, distendendo seus lindos e carnudos lábios, embora o semblante continuasse a refletir a cólera que sentia.

Continuaram jogando durante horas com sorte alternada. No entanto, quando todos se retiraram para o camarote que servia de

refeitório, Crystal perdia a soma de dez mil dólares.

Quando virou o resto para encarar o homem que os ganhara, abanou novamente os olhos com as compridas pestanas e depois aproximou-se dele com estudada lentidão. Levantou a face como uma oferta dos lábios ao vencedor.

- Imagino que me dará a desforra, não, forasteiro? - perguntou num sussurro.

- Naturalmente e quando quiser, "miss". Mas agora meu estômago reclama a vez. Vou ao refeitório.

Tinham ficado a sós. Crystal sorria feiticeiramente.

- Para quê? - perguntou.

- Para comer, ora. Há horas que não como nada.

- Não é preciso ir ao refeitório - replicou ela, aproximando-se mais, enquanto Evanz pensava que era um perigo, mas ao qual gostaria de atirar-se de cabeça. - Pode comer comigo, se não me toma por muito atrevida.

Evanz fitou-a nos olhos, mas logo desviou os seus, temendo deixar-se levar pelo

impulso. Crystal pareceu notá-lo e sorriu, pensando que aquele homem não tardaria a render-se, como todos os outros.

Era o que convinha a ela. Notara como atirava!

- Não responde, monsieur? - perguntou, vendo que ele continuava em silêncio.

- Onde cearemos?

Nem o mais leve rubor apareceu nas faces de Crystal, ao replicar:

- Em meu camarote.

Achegou-se mais, roçando-o, consciente do perigo que representava para aquele homem, olhando-se em seus olhos.

- Vamos - respondeu Evanz, dando disfarçadamente um passo para trás.

CAPÍTULO IV

O jogador que saiu da sala foi diretamente para o camarote de Larry O'Hara. Entrou sem bater e deparou-se com o jogador, o qual endireitou o corpo sobre a poltrona em que se reclinara.

- Julguei ouvir tiros - disse, olhando-o fixamente. - Que aconteceu, Rex?

Rex Briden o encarou.

- Milton e Stringer morreram, O'Hara - disse friamente.

Continuou a fitar-lhe os olhos pardos, sem abandonar o sorriso cínico. O'Hara levantou-se, em seguida, como que impelido por uma mola, mas Briden continuou a olhá-lo com a mesma expressão.

- Repita isso!

- Não é preciso, O'Hara - replicou Briden, - pois falei a verdade.

Continuando, narrou-lhe tudo o que acontecera na sala de jogo.

- E Crystal?

- Está jogando dados com o forasteiro, o que é um problema. Que pretende fazer?
- Muito simples. Cairemos sobre ele esta noite e depois as pás do "Nepente" saberão o que fazer com seu corpo. Acho que quando recolherem os pedaços, Crystal saberá quem é o mais forte.
- Ainda não sabemos o que acontecerá. Talvez ela perca e então... .
- Pode ser - cortou O'Hara. - Mas também pode ser que Crystal tente atirá-lo contra nós. Não se esqueça de que aquela mulher é capaz de tudo para não perder esta velha casca de noz. Não acha o mesmo? - perguntou com ironia. - Se tiver êxito, este belo negócio virá abaixo. Portanto, precisamos esperar pela noite. Mais cedo ou mais tarde o sujeito terá que ir para seu camarote. Será o momento. Avise aos outros quando ninguém estiver olhando, Briden. Não estou disposto a fracassar por um homem a mais ou a menos. Como se chama o pistoleiro?
- Não sei, O'Hara, mas talvez alguém a bordo o saiba. O capitão...

- É conveniente descobrir. Encarregue os rapazes disso. -Depois, O'Hara ficou pensativo.

A princípio, quando emprestara aqueles dólares a Crystal, pensou em cobrá-los do mesmo modo, até perceber que a moça, um pirilampo do rio, era uma mina de ouro e moedas ianques.

Foi então que resolveu ficar com tudo. Com o barco e a mulher. Crystal, no entanto, fora contrária a todos os seus intentos. Agora a coisa mudava, com a chegada daquele pistoleiro. A partir desse momento, não teria remédio senão apelar para a violência.

Subitamente, O'Hara parou de pensar para fitar Briden. Acrescentou:

- Não se preocupe muito com isto, Briden. Tanto faz averiguarmos antes ou depois de morto.

Sem mais nada, os dois deixaram o camarote quando a noite começava a cair e foram diretamente para a sala de jogo. O primeiro a assomar sigilosamente foi O'Hara, para retirar-se com o rosto tenso, enquanto Briden lhe tomava o lugar.

Olhou um pouco e viu o círculo compacto. Virou-se para O'Hara:

- Que faremos? - perguntou. - Estão jogando.

- Vamos até o convés. Da escada veremos quando saem todos. Deixarão a sala na hora da ceia. É. .. é um bom lugar para perfurar o forasteiro. Assim que sair. .. Será fácil. Depois daremos uma volta em torno do timoneiro e apareceremos quando todos estiverem cercando o cadáver. Ninguém nos ligará ao acontecimento.

- Os "cavalheiros" não - replicou Briden, acentuando a palavra. - Mas Crystal. sim.

- Deixe por minha conta.

- Já pensou no timoneiro? Estará em cima da gente.

- Sei e lamento. Mal liquidemos o pistoleiro, teremos uma conversa com ele. Acho que conduzirá um barco pela última vez, o que é uma grande pena.

Dito isto, os dois foram recuando até a escadinha que comunicava com o coberta.

Ficaram muito tempo ali, à espreita, até que a sala de jogo começou a esvaziar-se.

Mas nem Crystal nem o forasteiro a deixavam. Os dois entreolharam-se.

Larry O'Hara foi sacudido pelo ciúme como por um vendaval. Sem pensar mais, começou a descer a escadinha, enquanto acariciava a coronha da arma direita. Ficou tenso, com o "Colt" meio fora do coldre, ao perceber que não podia atirar.

O pistoleiro, um homem a quem nunca vira, saía da sada de jogo conduzindo Crystal Dumeine pelo braço.

- Maldita seja, Crystall - praguejou entre-dentes. - Não vá pensar que não adivinho seu jogo. Pergunto-me apenas como pôde esse pistoleiro ser tão estúpido que não o percebeu ainda.

Virou-se para Briden e segundo depois, os dois perdiam-se pela coberta. Passado algum tempo, O'Hara estava diante de seus homens. Três, contando com Briden.

O primeiro, baixinho e elegantemente vestido, com sobrecasaca negra, chapéu de abas largas e copa baixa, colete florido e gravata de laço.

Andaria pelos vinte e quatro anos, da rosto duro como granito. De olhos pequeninos,

cor da ágata. Com um "Derringer" no coldre de ombro e dois impressionantes "Colts" na cintura, estava suficientemente armado. Chamava-se Elmer Tapp.

Atrás de si vinha Tate Duncan. De estatura normal, olhos azuis e nariz aquilino, com a boca constantemente crispada numa careta sarcástica. Vestia-se como Tapp, mas ao contrário do companheiro, o traje destoava inteiramente de sua figura.

As elegantes roupas assentavam-lhe tão bem como um pontapé no osso da perna.

- Que houve na sala?

Briden fez a pergunta com uma sinistra calma na voz.

- Pouca coisa - replicou Duncan. - Aquele infernal pistoleiro ganhou dez mil de Crystal, mas ela não parece sentir demais, passando todo o tempo a sorrir-lhe.

- Para onde foi? - perguntou O'Hara em tom duro. - Vi quando deixavam a sala de jogo.

- Não sabemos - interveio Tapp. - Mas aposto que os dois estão ceando no camarote dela.

O rosto de O'Hara acusou o choque, tornando-se pálido como uma mortalha.

Tapp, finalmente, conseguira fazê-lo perder a costumeira impassibilidade de jogador de pôquer.

- Que ninguém os veja - replicou em voz rouca. - Vamos postar-nos no corredor. Se ele estiver só, não quero uma só falha. Se pelo contrário, sair com ela e forem para a sala de jogo, esperaremos. Não quero que aconteça alguma coisa a Crystal. A garota é coisa minha, entendido?

Ninguém se preocupou em cear e pouco depois ocupavam posições estratégicas ao longo do corredor, colocando a porta do camarote de Crystal entre dois fogos, enquanto no interior do mesmo ela se sentava numa cômoda poltrona, oferecendo outra a Evanz.

Crystal cruzou as pernas, com um malicioso sorriso na boca, ao passo que ele olhou em torno, pensando que por ora era o melhor que tinha a fazer.

O camarote compunha-se de duas peças. Evanz calculou que a outra, cuja porta estava fechada, deveria ser o dormitório dela.

Afinal entreolharam-se, estudando-se mutuamente. Ele tentou fugir à sugestiva e felina visão que tinha à frente. Por seu turno, Crystal examinava com visível descaso aquele rosto pétreo, que continuava sem nada exprimir. Como se o dono também fossa de pedra.

Quem será ele? Crystal perguntou:

- Como se chama, "monsieur"?

Imediatamente viu-lhe no rosto o mesmo estranho sorriso já observado pelo capitão St. Loman, ao fazer-lhe idêntica pergunta.

Evanz ia responder, quando alguns golpes na porta o interromperam. Crystal olhou para lá.

- Entre, Tom - ordenou.

A porta abriu-se, dando passagem à gigantesca figura de um negro.

- A Senhorita Crystal vai querer cear? - perguntou, numa incrível mistura de francês e inglês.

- Sim, Tom - replicou ela. - Para dois e com uma garrafa de chamapanhe.

O negro afastou-se no mesmo instante e Evans levantou-se, indo até a porta.

- Onde vai? - perguntou Crystal, ao vê-lo com a mão na maçaneta.

- Para fora. Ao refeitório - replicou secamente. - Pensei que isto já estivesse terminado no Sul, mas enganei-me. Acho que a guerra de nada serviu.

Crystal levantou-se, sorrindo e com isto a saia abriu-se para os dois lados do corpo. Evanz pareceu desconcertado e ela imaginou que não era tão de pedra como pensara no início.

- Quer explicar-se? - perguntou, aproximando-se tão felina e perigosa como uma víbora.

- Creio que já sabe, "Miss" Dumeine. Trata-se desse negro. Imaginei que não existissem mais escravos nos Estados Unidos,

- Tom não é um escravo, "monsieur" - replicou eia, com dignidade. - Está comigo porque quer. Além disso, recebe um salário para isso.

Evanz olhou para ela, ainda duvidando. Depois examinou-a de alto a baixo e replicou:

- Sinto muito, miss. Desculpe-me.

Tornou a sentar-se diante dela. Crystal sentou-se também.

- Quem é o senhor? - tornou a perguntar.

- Meu nome é Jack Evanz. Acho que já ouviu falar de mim.

Tom entrou naquele momento, interrompendo a resposta dela. Crystal desenvolveu a garrafa, enchendo as duas taças.

- Para que nosso encontro seja sumamente amistoso — brindou.

- Apesar dos dez mil dólares? - perguntou Evanz, com visível zombaria.

Os olhos de Crystal brilharam por um milésimo de segundo. Absorto em sua anatomia, Evanz não percebeu o detalhe.

- Sim - replicou depois. - Apesar disso. Apesar de já ter ouvido falar no senhor e muito. Mas. .. Enfim não se esqueça de que me prometeu a revanche.

Evanz não respondeu e assim ficaram mudos, entreolhando-se, até que chegou a ceia. Sempre no mesmo silêncio, fizeram a refeição, enquanto Crystal refletia que precisava subjugar aquele homem de qualquer maneira.

Era um bom pistoleiro. O melhor que já vira. Um homem cujas façanhas eram contadas sob as estrelas em todos os acampamentos do Oeste. Um pistoleiro que nascera certa noite, no fim da guerra e que agora surgia diante dela, com toda a violência de sua forte e rude personalidade.

Tinha que servir-se dele. Pretendia adquirir um rancho em Rosedale e abrir um salão de jogos. Poderia encontrar alguma dificuldade e nada melhor que dispor de semelhante guarda-costas.

Por seu lado, Evanz também pretendia seguir o jogo daquela perigosa mulher até onde ela quisesse levá-lo. Não podia aceitar seu convite e, principalmente, a calma com que perdera os dez mil dólares.

Em seu lugar, qualquer outra ficaria ressentida, mas Crystal parecia satisfeita com a perda. Chegava ao cúmulo de convidá-lo para cear em seu próprio camarote. Por quê?

Evanz levantou os olhos do prato e perguntou subitamente:

- Quanto levaremos para chegar a Rosedale, "Mademoiselle" Dumeine?

Como da primeira vez, Evanz falou em francês incrivelmente puro. E como da outra vez, Crystal tornou a desconcertar-se ao ouvi-lo, imaginando de onde seria. Nova Orleans, por acaso?

Parou de pensar para responder:

- Se nada acontecer, chegaremos depois de amanhã, "monsieur" Evanz.

Deu a resposta quando Evanz já se levantava da mesa. Em seguida, ele estendeu a mão a Crystal. Ela aceitou e levantou-se, apoiada em seu ombro. Ficaram muito juntos, fitando-se dentro dos olhos.

Sem separar-se, foram para a porta. Antes de abri-la para sair, tomaram a olhar-se, mais juntos do que nunca. Crystal levantou o rosto, pestanejou delicadamente e entreabriu os lábios. Evanz precisou apenas abaixar-se um pouco para unir os seus aos dela, num prolongado beijo.

O coração de Crystal saltou de satisfação, ao compreender que o enigmático pistoleiro era um homem como os demais. Assim, quando ele a afastou suavemente, ela fechou os olhos, deu um passo para diante

e apertou-se contra aquele peito de gigante, enroscando-lhe os braços no pescoço e tornando a oferecer-lhe os lábios.

Os olhos de Larry O'Hara brilharam como carvões acesos, ao vê-los sair muito juntos, em direção à sala de jogo.

Havia muito barulho quando entraram e a atmosfera estava viciada pela fumaça dos cigarros e o cheiro das fortes bebidas alcoólicas.

Durante alguns segundos fez-se silêncio em torno deles, mas logo abriram caminho para que fossem à mesa de dados.

CAPÍTULO V

- Tenho minha desforra? - perguntou ela, abanando os olhos com as pestanas, segundo seu costume.

- Claro que darei, mas não como você espera, demônio de saias. Estarei dando até descobrir o motivo desses trejeitos, o porque desses beijos. Evanz falou para si mesmo e depois replicou em voz alta: -.... Perderá, novamente, miss Dumeine.

- Talvez sim - replicou ela.— Mas foi o prometido.

Ambos começaram a jogar.

Imediatamente os curiosos cerraram fileiras, enquanto os restantes voltavam ao jogo ou às conversas.

Apesar de Crystal ganhar algumas mãos, Evanz continuava amontoando fichas e dólares à sua frente, com uma sorte invejável. Entretanto, quando mais enfronhado estava na partida, um dos curiosos, um jovem de uns vinte anos, dirigiu-se a outro:

- Ouça, André - perguntou: - Sabe as últimas de Rosedale?

- Há anos que não vou lá. Como posso saber?

Para Evanz, aquilo não tinha qualquer interesse e continuou jogando, tão impassível como sempre, olhando de vez em quando para o belo rosto de Crystal, que continuava aceitando as perdas com ar indiferente.

- Ultimamente tive notícias de casa, André, e nada agradáveis. Aquele ianque, Jess Richardson, comprou um novo rancho e um "saloon". Pouco a pouco, vai-se tornando o dono de Rosedale.

Inesperadamente a mão de Evanz ficou imóvel no ar. Depois atirou os dados e perdeu, com um cinco, os seis mil dólares existentes na mesa.

Não notou o sorriso de Crystal e muito menos o número marcado pelos dados.

Então estava lá? E a mulher, estaria com ele?

Só aquilo importava agora. Inclusive Crystal desaparecera de sua mente, embora

a tivesse diante de si. Evanz continuou a ouvir, procurando captar algo mais.

- Demônios! - exclamou o chamado André.

- E que fazem os habitantes de Rosedale que não o impedem?

- Impossível, Richardson é poderoso. Ele, aquela mulher e seus pistoleiros amordaçaram toda a população. Todos têm dificuldades com ele. Não se esqueça de que aquele cão ianque é um assassino que não se detém diante de nada. Fez uma fortuna em pouco tempo. Que acha, André? Evanz não ouviu a resposta. Seu rosto agora estava completamente branco. Caíra a máscara que o cobria. Ao entregar-lhe os dados, Crystal ficou visivelmente assustada ao ver a expressão de seus olhos.

- Sente-se mal, "Mister" Evanz? - perguntou em inglês. - Que tem?

- Nada... nada - replicou afinal. - Um ligeiro mal-estar que logo passará. Não se preocupe, "Miss" Dumeine.

- Saíamos um pouco - replicou ela. - Aqui está muito quente. Crystal tomou-lhe o braço, imaginando o que teria ele, para deixar-se guiar como um sonâmbulo.

O que Crystal não podia saber é que Evanz ouvira um dos muitos nomes sob os quais se escondia o indivíduo que procurava desde o fim da guerra. Também estava longe de adivinhar o que representava para ele a mulher que o acompanhava.

Os dois saíram do camarote. Contudo, quando já iam atravessar a porta, Crystal colou-se a ele, beijando-lhe ligeiramente o canto da boca.

Na escuridão, O'Hara soltou uma rude exclamação em voz baixa. Já no corredor, Crystal indagou:

- Como se sente agora?

- Depois desse beijo, confesso que muito melhor.

Ela riu ligeiramente.

- Falando sério - disse ela. - já passou a náusea ou quer tomar algo?

- Passou há muito, mas aceitarei uma taça de alguma coisa.

Crystal pendurou-se no seu braço, levando-o para o camarote de onde tinham saído. Entraram e ela serviu as bebidas. Ao virar-se com os copos na mão, parou pregada ao solo, diante do olhar dele.

- Por hoje já chega, Crystal - disse, chamando-a por seu primeiro nome. - Que pretende?

- Que quer dizer? Palavra que não entendo.

- Não, hein?

Sem nada dizer, Evanz avançou para ela, enlaçou-a pela cintura e beijou-lhe os lábios por muito tempo. Seus seios agitaram-se fortemente quando a soltou e continuaram agitados, durante muito tempo.

Inopinadamente, ao ver-se descoberta ou julgá-lo assim, Crystal reagiu violentamente. Deu dois passos, levantou a mão e a bofetada explodiu como um tiro, dentro da camarote.

Evanz recuou um passo e ficou quieto, olhando aquele formoso rosto desfigurado pela fúria. Quis voltar para a frente, mas ela pulou para trás, levando a mão ao busto. Num segundo, uma pequenina pistola apareceu-lhe na mão direita.

- Nem mais um passo. Não o faça ou mato-o!

Evanz riu com simplicidade e pulou para ela. Crystal nem teve tempo de apertar o

gatilho. Antes disso, sentiu um forte golpe no punho e o achatado "Derringer" foi parar a um canto do camarote.

De súbito, Evanz a teve nos braços, forcejando a fim de soltar-se. Mas não o conseguiu. Notou a respiração dele, mas não pôde evitar que a beijasse umas duas vezes. Quando finalmente ficou livre do abraço, foi porque Evanz o quis.

Crystal recostou-se a um dos tabiques, respirando trabalhosamente. Desgrenhada, com a saia aberta nos dois lados da perna e os olhos brilhantes como os de um gata raivosa, murmurou:

- Pagará por isto. Pagará antes de chegarmos a Rosedale. juro, pistoleiro. Nunca fui beijada antes e foi o que você fez!

- Você é que provocou, Crystal. Não se esqueça disto.

- Cão ianque - cuspiu ela.

- E você, o que é? Uma jogadora profissional que nunca dá nem pede quartel. Um pirilampo do rio. De que se queixa, então? Pensa que não sei nada a seu respeito, Crystal Dumeine? Julgava-me tolo a ponto de engolir todas as suas

manobras? O dinheiro que perdeu para mim. .. Sei que procurava algo. Que é?

Crystal não respondeu. Deu meia volta e ia entrar no dormitório, mas Evanz a impediu. Segurou-a pelo braço, obrigando-a a girar e caindo em seus braços, novamente, em menos de um segundo

Ao terminar de beijá-la, Crystal cuspiu-lhe no rosto. Com uma seca maldição, Evanz esbofeteou-lhe a face, enquanto ela caía no chão, limpando o rosto com as costas da mão.

Depois aproximou-se, segurando-a pelos ombros. Levantou-a no ar e atirou-a sobre um pequeno diva situado num recanto. Crystal ficou lá. com os seios arfando, contemplando-o, assustada.

Aquele maldito pistoleiro era muito pior que Larry O'Hara e sua quadrilha.

Como em sonhos, ouviu-o perguntar:

- Que procurava, beleza? É preciso responder logo, pois tenho pouca paciência, boneca. Era meu auxílio, não? Queria atirar-me contra alguém, acertei? Talvez contra algum dos pistoleiros que ainda restam vivos no barco. Era isso, não?

Ela assentiu, com um gesto de cabeça. Evanz recuou e fechou a porta a chave. Quando tornou a fitá-la, Crystal olhava para ele com expressão espantada.

Adivinhando o que imaginava, esclareceu:

- Tranquiline-se que nada tentarei, beleza. Quero apenas saber da história, para ver se me interessa. Portanto, nada melhor que fechar a porta aos curiosos. Vamos, explique-se, Crystal.

Lentamente, humilhada, vencida diante daquele gigante que depressa descobrira seu jogo, temendo que ele tornasse a espancá-la se não falasse, Crystal contou tudo, com um infinito rancor na voz.

Ao terminar, Evanz perguntou:

- Então, sua idéia era atirar-me contra esse O'Hara, a fim de matá-lo. Em seguida, eu seria atirado para um lado como um cão, não?

Incapaz de responder, Crystal tomou a assentir com a cabeça. Evanz tomou a palavra:

- E agora, continua pensando o mesmo?

Crystal arregalou os olhos, evidentemente espantada pela inesperada pergunta. Sua

voz tinha ainda mais rancor que ao contar a história:

- Sim. É o que mais desejo na vida. Este barco pertenceu a meu pai. Navegou nele durante muitos anos, até que um homem como Larry O'Hara o tirou de circulação. Esse homem morreu pouco depois. Eu o matei, "Mister" Evanz. Eis minha resposta.

- Bem - replicou ele friamente. - Talvez cheguemos a um acordo.

- Como? Que irá pedir-me em troca?

- Pouca coisa, sabendo-se que arrisco a vida para servi-la, beleza. Este negócio será feito entre nos dois. Seremos sócios. Neste e em todos os que possamos fazer em terra. Em Rosedale, por exemplo.

- Nada mais?

A pergunta foi feita em tom incisivo, mas Evanz fingiu não percebê-lo.

- Há algo mais, Crystal. Você, por exemplo. É uma mulher bonita demais, que nunca irá longe se não tiver ao lado um homem como eu.

Ainda não terminara de falar e Crystal estava de pé, com o semblante transtornado.

- Maldito porco. ...!

- Cuidado, querida! - cortou ele. - Você mesma procurou, logo não se queixe nem se sinta ofendida, já que minha proposta nada tem de pecaminosa. Vamos casar-nos, entende? Quero que nossa sociedade seja permanente em todos os sentidos.

- Nunca! Jamais o consentirei!

O sorriso que agora brilhou na boca de Evanz foi extremamente desagradável.

- Acho que não terá alternativa senão aceitar, Crystal - disse. - Caso contrário, quando deixar este camarote, entrarei em contato com O'Hara e dir-lhe-ei o suficiente para que -le a atire pela borda. Assim; evite complicações.

Crystal levou a mão ao busto e ficou lívida.

- Não. .. Não se atreverá, "Mister" Evanz.

- Sim, Crystal. Será o preço a pagar por tentar brincar comigo. Compreenda que tenho razão, querida. Agora dou-lhe a palavra. Responda já. Antes de sair deste camarote.

Ela negou com a cabeça e Evanz caminhou para a porta, com ar decidido.

Conforme esperava, Crystal o chamou muito antes de chegar até ela.

- Aceito, Jack. Casaremos assim que desembarcarmos em Rosedale.

Evans virou-se, inteiramente, fitando-a com ar risonho.

- Nem sonhe nisso, tesouro. Terá que ser agora mesmo, aqui. Mande Tom chamar o capitão St. Loman. Ele pode casar-nos e o próprio Tom servirá de testemunha. Depois. .. se eu tiver sorte, evitará pagar uma boa quantidade de dólares: os que me deve e os que O'Hara lhe emprestou.

Abriu a porta. Crystal fitou-o nos olhos por alguns minutos e depois cravou-os no chão. Passou a seu lado sem dizer palavra e Evans esperou, com a mão na coronha da arma, como se temesse algo.

Crystal voltou pouco depois, foi ao aposento que lhe servia de dormitório e quando voltou, mudara de roupa e penteado. Um quarto de hora mais tarde, apareciam Tom e o capitão St. Loman.

Crystal então aproximou-se dele. Olhando para ela, Evans tomou a palavra e o que disse, deixou todos assombrados.

CAPÍTULO VI

Estavam sozinhos há uns cinco minutos no interior do camarote e ainda continuavam olhando-se fixamente, sem falar, sem ousarem romper o silêncio reinante. Ambos pareciam recriar a situação que os dois tinham criado.

Foi Evanz quem falou muito depois, enquanto se aproximava dela.

- Não vai dar-me um beijo, Crystal? - perguntou, sem nenhuma ironia na voz.

Ela adiantou-se um pouco.

- Sim, por que não? Ofereceu-lhe os lábios, frios como gelo. Afastando-se dela, Evanz exclamou:

- Demônios! Crystal, não era o beijo que eu esperava!

- E que queria, Jack? Fui obrigada. Isso ou mergulhar de cabeça no Mississipi, com a ajuda de O'Hara.

Não falou mais. Repentinamente deu meia volta e entrou no dormitório. De pé no mesmo lugar, Evanz viu a porta fechar-se em seu nariz e encolheu os ombros. Depois

deu meia volta e deixou o camarote, com a idéia de ir à sala de jogo.

Contudo, antes de lá chegar, as coisas começaram a acontecer.

Subitamente seu chapéu de copa baixa e abas largas saltou-lhe da cabeça, impelido por um balaço, enquanto o estalido da detonação soava como um canhonaço, no estreito corredor.

Jack Evanz não pensou um só segundo. Atirou-se rente ao chão, deu duas voltas sobre o corpo e, quando parou, já empunhava os dois "Colts".

Contudo, quando o chumbo tornou a procurá-lo, não estava mais no chão e sim, entrincheirado na porta de um camarote, com os olhos brilhando como os de um felino, observando a escada que levava 20 convés.

Só então tentou mover-se. No mesmo instante um furacão de chumbo varreu o corredor, de ponta a ponta. Tinha que fazer alguma coisa. O pensamento lhe veio à mente no momento exato em que o silêncio descia sobre a sala de jogo.

Antes do último eco dos tiros desaparecer e sem que nenhum dos emboscados o esperasse, pulou para o meio do corredor, caindo ajoelhado e já apertando os dois gatilhos.

Seu corpo foi envolto em rápidos e faiscantes disparos e o chumbo fervente atravessou o corredor, direto ao convés, procurando os atiradores que silenciavam naquele momento,

Briden foi o primeiro a rolar pela escadinha, soltando tal grito que Crystal ficou apavorada, esperando do outro lado da porta de seu camarote, tensa e com o coração apertado.

Na sala de jogo tudo era silêncio e ninguém ousava sair.

Os cavalheiros do Sul estavam aterrados, principalmente depois que ouviram o grito de Briden, sem saber que ao mesmo tempo o corpo de Tapp pendia flacidamente do alto da escadinha. O'Hara e Duncan recuaram, perdendo-se entre os volumes e barris que enchiam a cobertura do "Nepente". O mais completo silêncio caiu então sobre o barco. Evanz correu para a escadinha.

Subiu e parou para recarregar a arma, no meio do percurso.

Continuou subindo. Quando faltavam três degraus para chegar ao convés, calculou a distância e pulou para cima.

Caiu a uns três metros da escadinha, levando o "Colt" direito na mão e o esquerdo no coldre. Contudo, mal pousou os pés no convés, uma língua de fogo surgiu de dentro de algumas lonas.

Evans esgotou a carga da arma em menos de um segundo, disparando naquela direção.

Em seguida, com rapidez meteórica, sacou a outra arma, mas não atirou na cambaleante figura que apareceu. Segundo sua opinião, já recebera o suficiente.

Acertou. Num relance de vista, viu cair, enterrando o rosto no madeirame do convés, e ficou indeciso, sem saber o que fazer.

Repentinamente ouviu um leve rumor às suas costas e atirou-se ao chão como um raio. Não era sem tempo. O pesado projétil, atirado por O'Hara, roçou-lhe o couro cabeludo, enquanto o eco do disparo se perdia no mar. Evans deu uma rápida meia

volta, encarando o vulto que acabava de surgir por trás do torreão da ponte, disparando. Ouviu o sibilar do chumbo, procurando-o, porém ele furtou o corpo de modo incrível, sem perceber que agora, os homens e mulheres da sala de jogo subiam pela escadinha.

E logo à frente, Crystal!

Rapidamente, Evanz parou de rodar e atirou,

Larry O'Hara ficou mudo e pálido, quando a certa bala lhe arrebatou o "Colt" da mão. Empa-lideceu ainda mais, olhando para Evanz que, pausada e inexoravelmente, se aproximava dele, estava certo de que morreria como um cão, mas enganou-se.

À medida que Evanz avançava, ele recuava. Um pouco depois, arregalando os olhos, mudo de espanto, sem querer dar crédito ao que via.

Evanz atirara a um recanto do convés o "Colt" que empunhava, e agora tirava o duplo e pesado cinturão-cartucheira.

Em seguida despiu a jaqueta de pele de anta.

O'Hara compreendeu e respirou, satisfeito.
- Fez mal, forasteiro - disse. - Poderia matar-me como a um cão, mas é tão estúpido que pretende lutar comigo a socos. Enganei-me?

Evanz não respondeu. Olhava para ele, enquanto Crystal pensava que conseguira seu objetivo: que aqueles dois homens se enfrentassem.

Mas, que importava tudo aquilo?

Não era justamente uma luta corporal o que queria. Um balaço seria muito mais rápido e eficiente. Crystal parou de pensar, temendo que, mesmo contra sua vontade, Jack Evanz pudesse perder.

Nesse momento, O'Hara atirou-se contra Evanz, com o mesmo ímpeto de um touro, selvagem e feroz ainda por cima. Contra o que todos esperavam, Evanz ficou imóvel. Aguentou a acometida de O'Hara, de pé firme. O jogador atirou-se de cabeça baixa e braços abertos, com o evidente intuito de segurá-lo pela cintura.

Deixou-o vir e, quando já estava a algumas polegadas, chegou-se para um lado, como

se quisesse dar-lhe passagem, conforme todos imaginaram.

Enganaram-se, porque Evanz levantou o braço direito que lhe pendia flacidamente ao longo do corpo. Foi demolidor e O'Hara nunca soube o que lhe aconteceu.

A verdade é que foi um fantástico gancho, dado com uma direita que parecia de pedra, alcançando o adversário na ponta do queixo e levantando-o em pleno ar. Quando caiu ao chão, O'Hara já tinha perdido os sentidos.

Evanz não parou aí. Com a mente ofuscada pela covarde emboscada que sofrera, aproximou-se do homem inerte, levantou-o entre os braços fortes como se fosse uma pluma, foi até a borda e atirou-o ao rio, de cabeça.

Resoluto, virou-se para os espectadores, mais emudecidos do que nunca, esfregando as mãos com evidente satisfação.

- Eis a morte que os traidores merecem - sentenciou, recolhendo suas armas.

Recarregou-as com os olhos fixos em Crystal. Como que de comum acordo, os

homens e mulheres desceram a escadinha, evitando olhar para os três cadáveres.

Crystal ficou ali, olhando-o, desafiadoramente, enquanto ele se aproximava, introduzindo as armas nos coldres.

Evanz parou diante dela, roçando-a, quase sentindo o tépido calor de seu corpo. Crystal ficou imóvel, sem enrubescer ou baixar os olhos. Tão pouco abanou-se com as longas e recurvadas pestanas.

Evanz procurou seus olhos, agora ardendo em estranhas chamas.

- E então?

Foi ela quem perguntou, obtendo uma tranquila resposta:

- Simplesmente o que viu, tesouro. Um de seus pesadelos acaba de terminar. Não era isso que queria?

Ela não replicou, nem fez o menor movimento quando ele lhe segurou o braço, puxando-a para a escadinha, e depois, tomando a direção do camarote.

Os dois entraram, tornaram a encarar-se em silêncio e repentinamente Evanzenhou-se.

- Traga-me algo de beber, Crystal - pediu.
Sem replicar, ela entrou no dormitório e depois voltou, trazendo um copo e meia garrafa de uísque.

Serviu a bebida e estendeu-lhe o copo.

- E então? - tornou a perguntar. Evanz bebeu um gole.

- Agora resta Richardson, não é?

-Se você o diz... - E você não?

- Não. Sei quem é, mas a mim, em particular, não causou nenhum prejuízo.

Evanz bebeu longamente.

- Folgo em sabê-lo, querida - disse pausadamente. - Mas agora prejudicará.

- A mim, Por quê?

- Por causa de minha idéia.

- Mas é absurdo! Evanz riu secamente.

- Nem tanto, doçura - replicou. - Eu e Richardson somos velhos conhecidos. Há cinco anos que ando à sua procura por todo o Oeste. Agora soube que está em Rosedale. Nesta barcaça, alguém confirmou minhas suspeitas. Um de seus passageiros disse algo quando jogávamos dados.

- Então foi por isso que se sentiu mal, não?

- Talvez - respondeu ele, com ar ausente.

- Que lhe fez ele?

Evanz bebeu outro gole e respondeu com outra pergunta:

- Conhece-o há muito, Crystal?

Ela ficou tentada a não responder, mas refletiu que, se quisesse saber algo a respeito dele, teria que seguir-lhe o rumo.

Assim, replicou:

- Sim, bastante. Há uns dois anos. Subiu a bordo e jogou algumas partidas. Perdeu.

Contudo, Crystal não esclareceu que a partida perdida por Richardson era ela própria. Fora mais um dos que lhe fizeram o cerco, fracassando inteiramente.

Sobressaltou-se, parando de pensar, desconfiado Evan fez outra pergunta

— Conhece também a mulher que está com ele?

— Sim. Talvez...

- Não é o que está pensando, não exatamente.

- E sabe o que estou pensando, Jack? Evan vazou o copo de uísque com outro gole e ficou de pé.

- Não creio que isso me importe muito agora - replicou, caminhando para ela. - Há algo muito acima disso. ..

Crystal levantou-se também, enfrentando-o. - Que é? - quis saber.

- Dar-lhe um beijo, Crystal.

E prendou-a pela cintura, sem que ela fizesse qualquer movimento para recusá-lo.

CAPITULO VI

Richardson tinha o rancho instalado a uns dez quilômetros de Rosedale e outros tantos de Cleveiland.

A mulher vinha de lá, a caminho de Rosedale. Montava um belo alazão de cor escura e soberba estampa. Era alta e felina. De curvas generosas e provocantes. Loura, de olhos azuis. Uma beleza de mulher, cuja presença ofuscava qualquer outra. Inclusive a beleza sem par de Crystal Evanz.

Vestia uma blusa simples e decotada, saia curta de montaria, deixando a descoberto uns joelhos bem feitos, articulando umas não menos perfeitas pernas, metidas até o meio em altas botas de montar. Alina Hendrix cavalgava preocupada, com justos e poderosos motivos.

Richardson também os tinha e eram os mesmos. Alina ia a Rosedale a fim de tentar sustar aquela ameaça, por todos os meios ao seu alcance. O sangue poderia rolar

mas, embora isso pouco lhe importasse, não o desejava, pelo menos por ora.

Richardson era partidário da violência, mas Alina queria evitá-la a todo custo. Talvez ele não se tivesse esquecido de todo, mas existem certas coisas que sempre devem estar presentes.

Se fosse assim, tudo poderia continuar como antes. Ela ainda possuía a mesma formosura de sempre. Cavalgava a passo, com os belos olhos azuis fixos na ponta das orelhas do cavalo.

- Não faz bem à saúde cavalgar tão pensativa e distraída pela pradaria, Alina.

A jovem pulou sobre a sela e depois puxou as rédeas, estacando o cavalo, com o rosto virado para a margem direita do caminho.

Ali estava a razão de seus pensamentos. Com o cigarro meio consumido no canto da boca, um sorriso cínico e zombeteiro nos lábios, recostado ao grosso tronco de um sicômoro e os polegares enfiados no cinturão-cartucheira.

Alina olhou para ele, abrindo muito os olhos, enquanto seu farto busto acusava fortemente a respiração agitada.

Ia abrir a boca para falar, quando ele continuou: - Voltei

- Posso ajuda-la a desmontar, querida? Aqui há um pequenino riacho, onde estaremos às mil maravilhas. Um excelente lugar para relembrarmos tempos passados. Deixou a árvore e foi até o cavalo. Da sela, Alina fitou-o sem pestanejar ou sorrir, mas desejando como nunca que acontecesse logo o que não tardaria muito.

Assim, quando Evanz chegou até ela e a olhou, estendendo os braços, deixou-se cair neles, para, em seguida, continuar agarrada ao homem, com os lábios entreabertos e uma promessa nos lindos olhos.

Olhos que ele beijou, para depois beijar também os lábios de coral.

Ao separarem-se, minutos depois, Alina tinha os olhos baixos, fixos no chão. Perguntou num murmúrio:

- Veio matá-lo, não?

Evanz segurou-a pela cintura.

- Vamos, querida - disse. - Como falei, há um riacho aqui perto. Vou levá-la até lá e

depois, junto à água, conversaremos como outrora, lembra-se? Conversaremos...

Deixou-se levar como um autômato. Sem dizer nada, com o pensamento ofuscado pela presença daquele pistoleiro, com a consciência a reprovar-lhe que, se era um pistoleiro, a culpa fora dela.

Continuou em silêncio quando Evanz tornou a beijá-la, agora com o murmurante riacho a seus pés, à sombra das árvores. Não falou nem levantou os braços para abraçá-lo. Ele a ouviu suspirar debilmente, quando cheia de paixão, exatamente como se nada tivesse acontecido, como se aqueles cinco anos fossem uma ilusão, Alina o beijou com ânsia.

- Oh, Jack! - balbuciou depois. Olharam-se em silêncio, sem nada dizer, como se o tempo parasse para ambos. Assim passaram-se vários minutos, quantos, nenhum deles soube, até que, repentinamente, Evanz separou-se dela, para sentar-se na relva úmida.

De pé diante dele, Alina o contemplou, para depois sentar-se a seu lado,

preguiçosamente, pro-curando-lhe os olhos.

- Beije-me novamente e mate-me em seguida, se isso lhe agrada, querido - murmurou.

Evanz a beijou e durante mais de meia hora nenhum dos dois disse nada, nenhum deles percebeu a passagem do tempo ou dos sangrentos acontecimentos que os uniam agora e em bem estranhas circunstâncias.

Foi depois, quando se apartaram, enquanto ajeitava o cabelo em desalinho, que ela, perguntou, encarando-o:

- Vai matá-lo, não?

- Talvez, Alina. Pode ser que depois também a mate.

Ela parou de fitá-lo e cravou os olhos no riacho.

- Gostaria que isto acontecesse agora, Jack. Aqui mesmo. Desejaria morrer por suas mãos. Sim... Jack. Por que não me mata? Não sabe, nunca saberá como eu lhe seria grata!

Olhou para ela. Alina continuava contemplando as águas tranqüilas. Evanz

segurou-lhe o queixo, fazendo com que o fitasse diretamente.

- Demônios! - praguejou -Mas. .. acha-me capaz de matá-la, Alina?

Ela sorriu tristemente.

- Por que não? - perguntou virando o rosto.

- Por acaso não é o que mereço?

Evanz não respondeu. Em vez disso, enrolou um cigarro e acendeu-o. Perguntou então, muito devagar:

- Para onde ia, Alina?

- Para Rosedale.

Foi agora que a fitou de frente e mais uma vez, Evanz sentiu-se banhado pela luz misteriosa daqueles olhos.

- Procurar-me?

- Sim.

- Como soube que eu estava na cidade? Os olhos de Alina reluziram um pouco.

- Por um homem que veio do rio, Jack - replicou com voz dolente. Evanz sobressaltou-se, continuando a fitá-la.

- Quem é esse homem? - perguntou em voz rouca, enquanto uma súbita suspeita lhe penetrava no cérebro.

Não se enganou, pois ela, sempre olhando para ele, retrucou lentamente:

- Chama-se Larry O'Hara. Contou muitas coisas quando chegou a nosso rancho. Entre outras...

Evanz não a ouvia. Para ele fora uma surpresa, que o jogador do "Nepente" ainda vivesse. Certamente voltara a si quando sentiu o contato da água fria do rio e nadara para a margem.

Larry O'Hara, agora estava no rancho de Richardson, o homem que jurara matar!

Levantou-se rapidamente e ela o imitou, percebendo que não a ouvia, mergulhado em seus próprios pensamentos. Esperou com paciência que ele terminasse e, segundos mais tarde, ouviu a pergunta :

- Para que queria ver-me, Alina?

- Para recordar, Jack - replicou ela, sem qualquer hesitação. - Para recordarmos e pedir-lhe pela vida de Jess.

- Vou matá-lo, Alina. É o que farei, tão logo o veja.

- Já pensou que essa morte irá separar-nos para sempre, Jack?

- Você escolheu seu próprio caminho, Alina.

- Vive enganado, querido. Por isso suplico pela vida dele, mesmo vendo que é inútil. Você... você já tem a outra. Sei que veio com aquela suja mariposa do rio. Com a tal Crystal Dumeine. O'Hara diz que é sua amante.

- O'Hara é um canalha. Crystal Dumeine é minha mulher. Casamo-nos a bordo de seu barco, há uma semana, querida.

O rosto de Alina ficou pálido como uma mortalha.

- Jack! Está mentindo! Mente, Jack! Isso não é possível... Sabe muito bem que não pode, que não podia fazê-lo.

- Por que, Alina? Por você? Há muito que desejo vê-la no inferno, apesar do que houve agora.

Então aconteceu o imprevisto. Sem dizer palavra, Alina atirou-se contra ele, com uma fera enciumada. Primeiro, duas bofetadas que pareciam chicotadas, para depois marcar-lhe o rosto com as unhas.

- Sujo! Canalha!

Tornou a esbofeteá-lo e Evanz permaneceu imóvel, diante dela, sem recuar um passo, mudo, sem tentar defender-se e muito menos agredi-la.

Repentinamente ela o percebeu. Deu um pequeno grito e refugiou-se no peito dele, com um soluço sufocado.

- Não, Jack. .. Diga que não. Que não fez isso.,.

Ele não respondeu. Limitou-se a segurá-la o queixo, fazendo-a erguer o rosto. Beijou-lhe os lábios levemente e segredou-lhe a meia voz:

- Espero-a esta noite em Rosedale, Alina.

A jovem arregalou os olhos, contemplando-o com vigor.

- Não irei, Jack - disse muito depois.

- Você quer recordar. Portanto, espero-a. Reflita que é uma oportunidade que lhe dou. A que nem você ou aquele homem me deram. A que não deram à minha família.

- Aquilo...

- Não diga nada agora, Alina. Venha a Rosedale esta noite.

- Não... Não... irei... Jack.

Contudo, Evanz já lhe dera as costas e monta va em seu cavalo. Olhou para ela de lá.

- Diga a Jess que vou matá-lo, menina. Quanto a você, já sabe. Quero-a em Rosedale esta noite. Isso. .. ou morrerá também, beleza.

Alina ia responder, mas não pôde. Evanz já cavalgava a todo galope para Rosedale.

Ficou ali, com os olhos fixos nele, até perdê-lo de vista. No mesmo instante, sentiu uma ânsia louca de matar. E era ele, somente ele, o culpado de tudo.

É verdade que Jess não dera tréguas, tanto a ele como aos seus. Mas ela... Claro que não podia tolerar aquilo de modo nenhum. E ainda ousara marcar um encontro para essa noite na cidade!

Certamente que iria. Mas levando um "Colt" consigo.

Montou, deu meia volta e iniciou o galope para seu rancho.

Entrou sem ser vista e procurou sair da mesma maneira.

Contudo, agora sua indumentária estava diferente. Suas maravilhosas pernas

achavam-se escondidas por umas estreitas calças de vaqueiro e na cintura estreita exibia um solitário "Colt" 45.

Procurou atalhos para chegar mais depressa, mas mesmo assim, quando alcançou Rosedale já era inteiramente noite.

Uma vez na cidade, Alina não teve dificuldade em averiguar o paradeiro de Jack Evanz e Crystal Dumeine. Por ora, a moça era seu principal objetivo.

Entrou no hotel e perguntou pelo número do quarto. Informada, subiu ao pavimento superior.

Com o rosto tenso, as mãos acariciando a arma, Alina bateu várias vezes na porta, desejando que Jack Evanz não estivesse ali dentro.

Não estava.

A própria Crystal abriu-lhe a porta e as duas mulheres entreolharam-se por alguns segundos, até que a esposa de Evanz baixou os olhos para contemplar o negro "Colt" que lhe apontava para o peito.

- Você é Alina, não? - perguntou, sem um único tremor na voz.

- Sim, sou Alina, Crystal Dumeine. Sou Alina e vim matá-la.
- Sente-se, querida. Já a esperava. Entreolharam-se de novo e Alina levantou o "Colt".

CAPITULO VII

- Onde está Alina?

Foi a pergunta de Jess Richardson, quando as primeiras estrelas começaram a pontilhar o céu. Richardson ainda era jovem. Teria uns quarenta anos e seu cabelo continuava louro, sem um único fio grisalho. Forte, muito alto, com o tipo inconfundível do vigarista de primeira categoria.

A pergunta foi feita dentro do gabinete, tendo diante dele a também inconfundível figura de O'Hara. Este fitou-a atentamente, para replicar depois que acendeu o cigarro que tinha nas mãos:

- Sei tanto sobre Alina quanto você mesmo, Richardson. Estive com ela durante o almoço, isto é, ao meio-dia. Não saí do rancho durante todo esse tempo.

- Quer dizer que não a viu sair?

- Sim. Vi quando saía a cavalo, mas ainda não voltou.

Richardson praguejou em voz forte. O'Hara refletiu por uns minutos e depois perguntou: 58—

- Que teme você?

Richardson ficou outros tantos minutos em silêncio e por fim replicou:

- Concretamente... não sei. Talvez ela me abandone e tenha dado o fora. Sempre tive medo disso. Sim, sempre temi que ela deixasse tudo isto para seguir Jack Evanz, se tornasse a encontrá-lo.

O'Hara deu uma risadinha que não encontrou eco no outro.

- Isso é absurdo - disse. - Não creio que seja tão louca como...

- Conhece pouco as mulheres, O'Hara. Basta que Alina saiba que essa Crystal Dumeine ... Enfim, é só saber que existe outra, para que vá ao encontro dele.

- Se fizer e, segundo ouvi dizer, aquele pistoleiro do inferno a matará. Estou certo disso. Sei que é capaz de tudo.

A voz de Richardson agora soou fria como gelo.

- Jack Evanz nunca matará Alina. Êle veio por mim e não irá embora enquanto não

nos enfrentarmos. Mas Alina... Bem, Alina é diferente. Você não imagina, O'Hara, como ela sabe ser carinhosa quando quer. Além disso, é muito bonita.

- Sim, isso ela é - replicou O'Hara pensativamente. - Muito mais bela do que Crystal. Enfim, que pretende fazer? Esperar que ele venha buscá-lo aqui?

Os dois homens encararam-se fixamente e durante alguns minutos nenhum deles falou. Pensavam.

E ambos pensavam em Jack Evanz, embora por diferentes motivos. O'Hara, desejando vingar o que acontecera no "Nepente" e Richardson acalentando a mesma ideia, embora por outro assunto bem diverso. Se não saísse ao encontro de Evanz, o pistoleiro o surpreenderia quando menos esperasse.

Fugira dele durante cinco anos, sempre em companhia de Alina. Agora, cansado de vagar de um lado para outro, esperava-o. A primeira notícia de que Jack Evanz estava em Rosedale, foi-lhe levada por um homem enlameado - Larry O'Hara - três dias antes,

quando chegou ao rancho morto de fome, macilento e esfarrapado.

Richardson e Alina cuidaram dele. Perguntando o que acontecera, O'Hara narrou os fatos à sua maneira, mas inevitavelmente teria que aludir ao nome do pistoleiro Evanz. A partir de então, os dois homens uniram seu destino a uma causa comum: eliminá-lo o quanto antes, já que representava um sério perigo para ambos.

Alina insistira muito com Richardson, sem nada conseguir de concreto. Assim, sem esquecer o que fora sua vida anterior ao lado de Evanz, sem esquecer coisa alguma, encilhara o cavalo, pretendendo ir-lhe ao encontro para suplicar pela vida do homem que tanto mal fizera a ele.

Finalmente Richardson replicou à pergunta de O'Hara.

- Não. Mandarei procurá-lo. Não quero arriscar-me, tende tanto a perder, O'Hara sorriu com um ligeiro aceno de lábios e, então, soltou uma indagação:

- Você diz que Evanz nunca mataria Alina. Por quê? Qual a ligação entre ela e aquele sujo?

Richardson explodiu numa gargalhada.

- Não me lembrei de contar-lhe isso, O'Hara
- comentou antes para relatar o resto da história no decorrer da palestra. Contudo, antes de terminar, O'Hara levantou-se num salto.

- Raios! - vociferou. - Mas esse homem... Isso é inteiramente impossível, Richardson! Sem mover-se de sua poltrona, Richardson olhou-o, atentamente, perguntando-se o que queria o outro dizer com tais palavras.

Finalmente arriscou-se:

- Por que não pode ser, O'Hara?

- Demônios! Menti, dizendo que Crystal Du-meine era a amante de Evanz. é sua mulher. Larry St. Loman, capitão do "Nepente", casou-os a bordo do barco. Tem poderes para o fazer. ..

Agora foi Richardson quem ficou de pé, interrompendo-o com um gesto.

- Onde se hospedam? - indagou.

- Não sei. Como vê, desde que cheguei não saí do rancho, pelo que lhe fico muito grato.

Richardson olhou longamente para ele.

- Quer mesmo ajudar-me, O'Hara? - inquiriu.

- Não desejo outra coisa. Ajudando-o, ajudo a mim mesmo. Por outro lado - acrescentou com cinismo - estou sem um só dólar,

- De acordo. Esta noite - replicou, - agora mesmo, vai sair para Rosedale e. ..

- Sozinho? - interrompeu O'Hara.

- Não. Levará três homens meus. Pat Sullivan, Dick Mc Graham e Tex Morris. Vá buscá-los num dos pavilhões e diga-lhes que me venham ver. Então, dir-lhes-ei o que quero. De passagem, veja se Alina chegou. Se já, que não fique sabendo de nada do que planejamos aqui. Entendido?

O'Hara entendeu muito bem, mas não dava a perceber, enquanto não soubesse de outra coisa, também muito importante para ele.

Respondeu com uma pergunta:

- Quanto?

- Quanto, quê?

- Muito simples, Richardson - disse friamente. - Ainda não sei quanto vou ganhar por este trabalho.

- Ah, era isso, não? - Richardson mostrou os dentes numa careta. - Receberá cinco mil dólares, se trouxer-me o cadáver de Evanz ao rancho, embora não seja este o trabalho que fará esta noite.

- Então. ...?

- Vá chamar meus homens, O'Hara - cortou Richardson. - Depois conversaremos.

O'Hara não replicou. Saiu do gabinete, pensando que quando recebesse aqueles cinco mil dólares, Richardson enfrentaria outro inimigo, tanto ou mais perigoso que o próprio Evanz.

Não gostava de ser mandado e muito menos no tom usado por Richardson.

Entrementes, este tornou a sentar-se e seus pensamentos caminharam para Alina e Evanz. Devia tê-la liquidado há muito. Alina para ele fora mais uma carga que outra coisa. Na verdade servira aos seus interesses como ninguém, no assunto da família Evanz, abandonando tudo para acompanhá-lo.

Onde estaria agora? Já voltara ao rancho? Sem saber por que, Richardson respondeu à primeira pergunta, imaginando que ela

devia estar em Rosedale, procurando Evan. Quanto à segunda, não voltara e talvez não voltasse nunca mais, apesar do casamento de Evan com Crystal Dumeine. Realmente. Dentro em breve, Alina seria atirada de cabeça ao Mississipi, com uma pedra amarrada aos pés, como lastro. O rio não deixava vestígios e, segundo um velho ditado, os mortos não falam.

Ele e ela. Talvez Crystal também.

Era o melhor. Mas primeiro aquela mariposa noturna. O pirilampo do rio. A jogadora sem par que um dia o desprezara, a bordo de seu barco, para logo unir a vida à de seu pior inimigo.

Mas, que meio usara Jack Evan para consegui-lo? Qual o ardil?

Só podia ser assim, já que não haveria outro modo. De maneira alguma seria possível tal casamento. Era absurdo, fantástico. Será que Jack Evan desconhecia o perigo a que se expunha, casando-se com aquela jogadora do Mississipi?

Seus pensamentos foram repentinamente cortados pela entrada de O'Hara e seus três pistoleiros.

- Sentem-se por aí.

Foi o que disse Richardson assim que entraram. Depois, um silêncio pesado reinou entre eles por longo tempo, até que o próprio Richardson perguntou:

- Alina já voltou?

- Não. Ainda não - retrucou O'Hara. Uma profunda ruga desenhou-se na testa de Richardson.

- Bem, deixemos Alina por ora - disse, acrescentando: - Vocês irão a Rosedal esta noite. Há um sujeito que me estorva. Apontou um dedo para o jogador e continuou: - O'Hara vai mostrar-lhes quem é. O sujeito é perigoso e não quero perder nenhum homem neste serviço.

- Então, para que vamos lá, patrão? - indagou Sullivan.

- Não se impaciente e escute até o fim. Conhecem Crystal Dumeine, não? Pois é ela que eu quero. Cheguem ao hotel e hospedem-se nele, se for preciso. Terão que

vigiar até que o sujeito saia e a deixesozinha. Só então irão atrás dela.

- Para onde a levamos?

- À cabana do rio, Morris. Os mortos...

- O Mississipi não deixa rastros, patrão - interrompeu Mc Craham, friamente.

- Não. Não é isso. Não se trata de matá-la por ora. Quero apenas que a levem para lá. O sujeito irá procurá-la e faremos o possível para que a encontre... viva. Depois, ao rio com os dois! Mas somente depois que eu conversar com eles. Entenderam bem?

Assentiram sem objeção. Obedecendo a um sinal de Richardson, O'Hara esperou no gabinete, enquanto os outros saíam para apanhar os cavalos.

Entreolharam-se.

- Trata-se de Alina, não?

Richardson sorriu, cruelmente, ante a pergunta de O'Hara.

- Sim, de Alina. Como adivinhou?

- Desconfiei, ao fazer-me sinal para ficar. Que faço com ela?

- Procure-a, mas sozinho. Faça como puder, mas leve-a também para a cabana do rio. Contudo, só depois que aquela

jogadora do inferno for raptada. Agora, se já compreendeu bem pode ir.

Contudo, antes de ficar a sós, Richardson pagou dois mil e quinhentos dólares a O'Hara. Exatamente a metade do que prometera.

Tornou a sentar-se na poltrona, atento a qualquer rumor que viesse de fora. Mas só ouviu o barulho dos cascos dos cavalos que conduziam O'Hara e seus três pistoleiros a Rosedale.

Depois, nada mais.

Alina não voltava. Alina não voltaria mais. Não se arrependia da ordem que dera sobre ela.

Passou muito tempo ali, sozinho. Muito tempo mesmo, até ouvir às suas costas aquela voz que vinha da janela.

- Olá, jess. Há muito queria vê-lo.

Pálido, como um cadáver, Richardson virou-se, vagarosamente, procurando levar as mãos para bem longe da coroa dos "Colts".

CAPÍTULO VIII

Evanz freou o animal quando avistou a cidade de Rosedale.

Por que não? Fez-se a pergunta, compreendendo que Alina jamais iria vê-lo ali. Tudo morrera definitivamente, seis anos atrás.

Portanto, deu meia volta e dirigiu-se para a margem do Mississippi. Desmontou sob os copados arbustos e tirou do alforje da sela alguns biscoitos secos e um pedaço de carne defumada.

Sentou-se à sombra de uma árvore e resolveu comer a ligeira refeição, esperando a noite.

Ao cair da noite, Evanز pôs-se em marcha para o rancho de Richardson.

Muito antes de chegar, foi obrigado a ocultar-se, avistando três cavaleiros que cruzaram por ele a todo galope, em direção de Rosedale. Não reconheceu nenhum deles devido à escuridão e assim, seguiu seu

caminho, procurando não ser visto por alguma provável sentinela.

Não havia nenhuma.

Pode então continuar a pé, até a sede do rancho. Rodeou o prédio, procurando um lugar adequado para entrar. Uma janela aberta e iluminada, deu-lhe o ensejo. Trepou para o peitoril, deparando-lhe, inesperadamente, o próprio Richardson, que continuava sentado numa poltrona, de costas para ele.

- Olá, Jess - foi a primeira coisa que disse, ainda sem pular para dentro do gabinete. - Há muito queria vê-lo.

Jess Richardson virou-se para ele, sem qualquer movimento agressivo e Evanz saltou para o interior do aposento.

Sem perdê-lo de vista, Evanz atravessou o gabinete, acomodando-se numa poltrona, diante do dono da casa.

- Vim atrás do que é meu, Jess - disse.

- Sabia que algum dia faria isso, Jack - replicou. - Mas, permita-me dizer-lhe que aqui nada tem de seu, além de Alina... e ela não está.

- Nem mesmo o de meus pais? Richardson forçou um sorriso desdenhoso.

- Palavra que não o entendo - respondeu. - Quem, demônios, enfiou-lhe na cabeça que tenho algo que possa pertencer a seus pais, Jack?

Evanz refletiu alguns segundos.

- Estava certo de que diria isso, Jess. Tão certo, como é verdade que lhe vou meter um balaço no meio do estômago. Também já sabia disso, não?

O sorriso de Richardson era tranquilo.

- Sim. Confesso que já desconfiava, mas você não o fará, Jack. Não neste momento e dentro de meu rancho.

Como que por descuido, Evanز acariciou a coronha do "Colt" direito, movimento que não passou despercebido a Richardson.

- Como tem tanta certeza?

- Porque não é nenhum tonto, Jack. Sabe que se o fizer, não sairá vivo daqui. Tenho alguns homens nos pavilhões. Ao mais ligeiro ruído, correriam para cá. Não, Jack. Minha morte significaria também a sua, nas atuais circunstâncias.

- Um problema bem difícil de resolver, levando-se em conta que você não estaria vivo para verificar se acertou. Morreria primeiro. Quanto a mim, o assunto é problemático, entende?

Evanz levantou-se, ao terminar de falar.

- Saque quando quiser, pois vou matá-lo, Jess - disse, em voz inexpressiva.

Richardson fez um gesto com a mão, para em seguida, retrucar:

- Não tenha pressa, Jack... - fez uma pausa a fim de dar mais ênfase às palavras e ajuntou: - e Aquela mulher... Crystal Dumeine... Soube que se casou com ela não?

- E Sim, mas que tem Crystal a ver com tudo isto?

Richardson riu abertamente. Evan z não gostou daquele riso.

- Tudo, Jack. Tudo ou quase tudo. Mate-me e não tornará a vê-la viva. Agora mesmo, há poucos momentos, três homens meus foram atrás dela em Rosedale. Se lhe interessa, direi que estão acompanhados por um bom amigo seu. Um tal Larry O'Hara.

Evanz deu um passo para ele e parou. Acabava de recordar os cavaleiros que passaram por ele no caminho. Se soubesse! Iniciou um sorriso torcido.

- É o seu jogo, não?

- Sim, Jack. É esse. Além do mais, quero dizer-lhe algo. Amanhã irei a Rosedale, apresentar uma denúncia contra você, compreende? Trata-se de proteger o bom nome de Alina. Nunca deveria ter casado com essa jogadora, Jack. Nunca.

Evanz pensou rapidamente. Depois foi recuando para a janela.

- Você tão pouco deveria contar-me seus planos, Richardson - replicou. - Não devia...

- Por quê?

- Porque volto agora para Rosedale, Jess, entende? Se aconteceu algo com ela, juro que virei buscá-lo e entrarei atirando. Tome cuidado, Jess! Muito cuidado!

Sem perdê-lo de vista, Evans chegou à janela. Richardson então deu uma risadinha de mofa.

- Espera poder sair com a mesma tranquilidade com que entrou, Jack? - proferiu, em tom jocoso.

- Com a mesma, não sei, mas fique certo de que sairei. Ah! Quando eu voltar, providencie para que isso esteja preparado. Já sabe a que me refiro: ao que você e Alina, de comum acordo, roubaram de meus pais. Virei atrás disso e de sua carcaça imunda, Jess. Quero também dizer-lhe uma coisa. É impossível que tenha mentido, ao dizer que três homens seus mais aquele nojento jogador, vão atrás de Crystal. Todavia, não quero arriscar-me, embora lamente muito, é o que salvou pelo momento.

Sempre dando o rosto, Evanz pulou para trás, ficando sentado sobre o peitoril. Richardson contemplava-o com um irônico sorriso nos lábios, de pé, virado para ele.

Não fez um só movimento nem tentou impedir-lhe a fuga. Mas assim que Evanz pulou para o exterior, correu até a janela, agora empunhando o "Colt".

- A ele! Agarrem-no! Mil dólares para quem o conseguir!

Atirou de surpresa.

Evanz ouviu distintamente o silvo do projétil sobre sua cabeça e praguejou em

voz rouca. Aquela bala passara perto demais para seu gosto.

Parou em seco, deu meia volta e levou a mão à coronha do "Colt", disparando sem puxá-lo do coldre.

O projétil chocou-se contra a arma empunhada por Richardson, desviou-se de sua trajetória depois de arrancá-la da mão, e o rancheiro, com um sulco sangrento na fronte, caiu para trás, quando seus homens já deixavam os pavilhões às carreiras.

Reinou a confusão por alguns momentos, mas, sem demora, alguém distinguiu o vulto de Evaz em movimento. Lançaram-se atrás dele como uma matilha, atirando sem cessar.

Evanz alcançou o cavalo, montou e da sela disparou duas vezes.

Um dos pistoleiros de Richardson levou as mãos ao rosto e caiu fulminado, contra o chão, já morto antes de tocá-lo.

Outro mais além, deu um grito agudo e caiu, com o peito inundado de sangue. Os restantes espalharam-se em todas as direções, procurando proteção contra os

balaios daquele invencível e mortífero bandoleiro.

Evanz aproveitou os segundos de folga e fincou esporas. O cavalo corcoveou e pouco depois devorava as distâncias, procurando as árvores que cresciam à margem do rio.

Antes de chegar, Evan z parou a fim de escutar. Não levou muito tempo para perceber o som do galope dos cavalos que o perseguiam.

Galopou, novamente, esquivando-se por milagre dos galhos mais baixos das árvores que mal distinguia ao pálido luar, enquanto o barulho de cascos aumentava às suas costas.

Estavam ganhando terreno a olhos vistos.

Seu cavalo achava-se fatigado, o que não acontecia com os outros. Isso era tudo.

Sem nenhuma hesitação, Evan z procurou com os olhos um lugar onde abrigar-se.

Um quilômetro mais abaixo o encontrou, quando os balaios inimigos já começavam a zunir sobre sua cabeça. Formava um esquisito semicírculo rochoso, coberto de árvores pela frente, com o rio à retaguarda.

Era em parte uma vantagem, já que não poderia cercá-lo. Entretanto, constituía uma desvantagem para ele, pois também não poderia recuar.

Evanz desmontou, escondeu o cavalo onde nenhum tiro pudesse atingi-lo e apanhou o Winchester no arco da sela. Feito isto, correu a entrincheirar-se em local conveniente, enfrentando o inimigo.

Pensando em Crystal e Alina, Evanز introduziu a primeira bala no cano oco.

O galope dos homens de Richardson intensificou-se ainda mais. Esperou, friamente, até distinguir o primeiro cavaleiro e firmou o ponto de mira neste, mandando-o para o inferno com um balaço no meio da cabeça.

Os outros pararam as montarias em seco, jogando-se ao solo. Contudo, antes que pudessem esconder-se de todo, Evanز caçou mais três, com outros tantos tiros de rifle.

Inexplicavelmente, um estranho silêncio caiu em torno, enquanto os pistoleiros de Richardson procuravam um refúgio, como ratos assustados.

Quantos seriam?

Evanz sorriu na escuridão. Um sorriso cruel.

Que importava o número? Sabia que não tinha escapatória. Diante dele estavam os sicários de Richardson. Às suas costas, as turbulentas águas do Mississippi.

Pensou ainda, em Crystal e em como tudo fora tão diferente desde o princípio. Pensou em Alina e, por último, em Jess Richardson. Arrependeu-se de não tê-lo liquidado nessa noite em seu próprio rancho.

Talvez Crystal agora estivesse em poder de Chiara e sentia-se impotente para correr em seu auxílio. Richardson tivera razão, ao afirmar que não sairia dali com a mesma tranquilidade com que entrara.

Algo se moveu à sua esquerda, interrompendo-lhe os pensamentos. Evan z virou o rosto para lá, com o rifle preparado. Avistou a silhueta de um homem, fez pontaria rapidamente e atirou.

A silhueta abateu-se contra a terra e ficou imóvel. O prêmio de sua façanha foi uma rajada de chumbo que ricocheteou nas

rochas que o protegiam, atirando pequenas lascas de pedra a grande altura.

Novamente, e com incrível rapidez, os tiros cessaram inteiramente. Mas a voz de Richardson, dirigindo-se a seus homens, não se fez esperar muito.

- Se for possível, quero-o vivo. Quinhentos dólares a cada um, se o conseguirem!

Não podia vê-lo. Também não o vira cair quando atirara em direção ao rancho. Entretanto era verdade, Richardson estava ali, a poucos metros de distância, tendo a cabeça vendada com um trapo ensanguentado.

E Alina?

Richardson dissera que não estava no rancho. Teria ido a Rosedale para vê-lo, apesar de julgar o contrário?

Não teve tempo de encontrar resposta para nenhuma daquelas perguntas. Os tiros aumentaram, zunindo em todas as direções. Evanz verificou que, se não imaginasse alguma coisa e depressa, aquilo seria o seu fim e talvez o de Crystal.

Mal podia levantar a cabeça devido ao chumbo que chovia para todos os lados. Richardson sabia fazer bem as coisas,

CAPÍTULO IX

- Quer deixar de ser idiota, sentar-se e parar de apontar-me a arma, Alina?

O dedo estava tenso sobre o gatilho do "Colt", mas mesma assim, as palavras brotavam tranquilamente dos lábios de Crystal.

- Vamos, querida, sente-se - repetiu.

- Vai tentar convencer-me, "Miss" Dumeine? - replicou a outra, dando-lhe, maldosamente, o tratamento de solteira.

- Nada disso - retrucou Crystal, sentando-se numa das poltronas. - Apenas estou querendo que não cometa nova estupidez. Como a que fez, quando deixou Jack Evanz, o melhor homem que já teve o Oeste. Vamos, sente-se, Alina e deixe de tolices!

Falava com aprumo, em tom convincente, calma, fitando a outra sem nenhum temor nos olhos. A contragosto, Alina sentiu admiração. Baixou o "Colt" lentamente, embora sem deixar de apontá-lo e sentou-se diante dela.

- Estou esperando, Crystal Dumeine - disse, com marcante hostilidade. - Vamos, convença-me e pouparei o balaço.

- Não pretendo convencê-la de nada, querida. Você sozinha ficará convencida.

- De quê? Acha que não sei que está casada com Jack Evanz? Um homem que não devia ser para você... e é por isso que vou matá-la.

Crystal sorriu docemente.

- E não parou para pensar, Alina, que bem poderia se ter enganado de quarto?

- Enganar-me de quarto? Que, demônios, quer dizer?

- Simplesmente que deveria ter entrado no contíguo. O quarto de seu marido, "Mistress" Evanz.

Alina ficou pálida como um cadáver e apontou para a porta atrás de Crystal, com o cano do "Colt".

- Quer dizer quê...?

Interrompendo-a com um gesto, Crystal deu meia volta e abriu-a de par em par.

- Entre, por favor, Alina - disse friamente.

A loura e explosiva Alina deu alguns passos e parou na soleira. Um só olhar foi

suficiente para compreender que aquele quarto pertencia a uma pessoa solteira, sem nenhum traje masculino misturado aos que havia dentro do pequeno armário, cuja porta estava aberta.

Virou-se como uma víbora, encarando Crystal.

- Que, demônios, significa isto, "Miss" Dumeine?

- Ainda não compreendeu, "Mistress" Evanz. Confesso que a imaginava mais esperta. Seu esposo não se casou comigo a bordo do "Nepente" nem em parte alguma. Foi... um simulacro, embora seus beijos não o fossem. Sim. Alina Evanz! Beijou-me, coisa que não tornou a fazer desde aquela noite, o que sinto muito. Você não o merece. Portanto, já sabe. Jack Evanz não cometeu delito algum de bigamia, pelo menos comigo, entende? Assim, não vejo motivos para que venha aqui ameaçar-me de morte e tudo o mais. - Crystal introduziu a mão no seio e, como por artes de magia, apanhou um pequeno "Derringer" de cano cortado. Antes que Alina pudesse fazer algo, a arma estava

encostada em seu peito. - Poderia matá-la antes mesmo de entrar, mas não quis. Prefiro deixar esse prazer para Jack. É o único que tem o direito de matá-la, Alina E não sabe com que alegria e ansiedade o espero!

- Que quer dizer? Por que meu marido deveria matar-me?

- Que mais poderia fazer, Alina? Entre você e aquele... Richardson do inferno... Os dois enganaram a família de Jack, arruinando-os em pouco tempo. Tudo por sua causa, Alina. Seus sogros, os pais de Jack, confiavam na nora e seguiram os conselhos da hipócrita, conselhos que por sua vez, você recebia de Jess Richardson. Arruinados, os velhos morreram em pouco tempo. Sim, querida, você merece uma bala. Pena que Jack não me tivesse dado licença para isso! Era o que eu mais queria. Acredite, "Mistress" Evanz.

Crystal guardou o "Derringer" no busto e esperou pela resposta de Alina. Não demorou nem três segundos.

- Isso é mentira, "Miss" Dumeine! - vociferou. - É uma grosseira e suja mentira

para perder-me. Não fiz nada do que diz, mas se agi dessa forma, fui enganada por Richardson...

- Deveras? Então, por que o seguiu? Por que abandonou o marido, meses antes de ele voltar da guerra? Vamos, querida, conte isso a ele, se é que antes de ouvi-la Jack não lhe meteria uma bala na cabeça, estourando-lhe os miolos.

- Por que tem esse interesse em que ele me mate, Crystal?

- Não adivinha? Não mesmo? Pois vou dizer-lher, "Mistress" Evanz. Quero que a mate, porque esta mariposa do rio também apaixonou-se por ele, entende? Com um amor muito mais puro que o seu, se é que algum dia o amou realmente.

- Quer dizer quê...?

- Exatamente o que está pensando, "Mistress" Evanz. Estou apaixonada por seu marido e não desejo perdê-lo. Contudo, como não quero manchar minha consciência com uma mentira, diante de uma condenada à morte, dir-lhe-ei que entre nós dois nada houve além de uns simples beijos, frutos das circunstâncias.

Agora somos sócios no barco e também o seremos no rancho que pretendo adquirir juntamente com um "saloon", tão logo aquele asqueroso Jess Richardson esteja em sua companhia, Alina Evanz. No inferno, que é o lugar em que devem ficar!

Alina não respondeu logo àquela torrente de palavras. Ficou parada diante de Crystal, fitando-a nos olhos, enquanto guardava o "Colt" que ainda segurava.

Ficou assim por muitos minutos que pareceram séculos a Crystal, até que finalmente disse:

- Está bem, querida - feêz uma pausa. - Vou dar-lhe esse prazer.

Agora, a surpreendida foi Crystal.

- Que pretende dizer?— perguntou.

- Vejo que também não me entende, "Miss" Dumeine - replicou Alina, em tom mordaz.

- Vou fazer-lhe a vontade. Providenciarei para que Jack Evanz me meta uma bala na cabeça. Portanto, quer ter a bondade de indicar-me onde posso encontrar meu marido?

Crystal Dumeine abanou-se com as pestanas, perplexamente, e depois replicou em voz indolente.

- Já lhe disse que o quarto dele é vizinho a este. Vá ao corredor e procure-o.

- De acordo, querida rival. Vou sair. Se dentro de alguns minutos ouvir através da parede um forte rumor, corra para ele e abrigue-o em seus braços amorosos. Jack precisará disso, principalmente se o xerife aparecer, fazendo perguntas indiscretas.

Com um zombeteiro sorriso nos lábios, Alina Evanz recuou de costas para a porta, enquanto Crystal a contemplava, sem sair de seu assombro. Tentara intrigá-la com suas palavras e, no entanto, a desconcertada era ela.

- Um momento, "Mistress" Evanz - chamou, quando Alina já colocava a mão na maçaneta.

Ela arqueou uma de suas belas e finas sobancelhas, replicando:

- Vai oferecer-me alguns milhares de dólares para que lhe deixe o caminho livre, "Miss" Dumeine? Não se preocupe. Jack o fará, sem ser preciso que você, jogadora

profissional, desembolse um único centavo. Como minha última vontade, desejo que me compre uma bela coroa de flores.

Sorrindo ironicamente, Alina abriu a porta e recuou, sempre de costas, sem parar de olhá-la. Mal o fez, algo se abateu sobre sua cabeça, derrubando-a ao chão.

Maquinalmente, Crystal extraiu o pequeno "Derringer" e caminhou para a porta.

Chegou em tempo de ouvir uma trovejar de pragas, seguida pela desconhecida voz de um homem.

- Infernos, O'Hara! Esta não é Crystal Du-meine. É...

Crystal não quis ouvir mais. Correu do quarto, com a arma em punho e disparou às cegas. Soltando um grito de agonia, Mc Graham rolou pelo as soalho, enquanto O'Hara e os outros dois soltavam o corpo inerte de Alina e levavam a mãos às armas.

Contudo, quando conseguiram empunhá-las, Crystal já batera a porta. Sabendo que o tiro deixaria o hotel em alvoroço, O'Hara virou-se para os dois pistoleiros.

- Vamos, depressa. É preciso tirá-la daqui e levá-la também para a cabana do rio. -

Acrescentou, antes que algum deles voltasse a si da surpresa: - São ordens de Richardson. Depressa, cobrirei a retaguarda.

Carregaram Alina e O'Hara baixou a aba do amplo chapéu, cobrindo o rosto com um lenço.

Em duas passadas ganhou a distância que o separava da escada e começou a descê-la, acompanhado por Sullivan e Morris, quando já vinha gente subindo pela mesma.

O'Hara não vacilou. Disparou por cima deles e instantaneamente a escada ficou deserta.

Contudo, estes minutos foram poucos. Mal chegava ao fim da escada, quando o encarregado do hotel atirou, protegido por uma das colunas que sustentavam o teto.

O'Hara soltou uma maldição, no momento em que a bala estilhaçou a madeira, a algumas polegadas de sua cabeça. Respondeu ao fogo com incrível rapidez. O homem tombou, perfurado no estômago e o pistoleiro enfrentou os poucos capangas

que ali havia, empunhando ferozmente os dois "Colts".

- Quietos, ratos! - mastigou, movendo as armas em semicírculo, cobrindo todos e nenhum ao mesmo tempo. - Quietos e nada acontecerá!

Compreendendo que a situação estava ficando por demais crítica, Morris e Sullivan correram para a porta, sempre carregando Alina, desmaiada.

O'Hara ficou ali, mantendo os outros à distância, adivinhando que, tão logo iniciasse a retirada, empunhariam as armas a fim de liquidá-lo.

Repentinamente ouviu o galope de dois cavalos e suspirou, aliviado. Começou a recuar para a porta, sem perder ninguém de vista. Alcançou-a e pulou para trás. Depois correu para o cavalo, montando nele. Picou esporas, no momento em que a primeira bala zuniu ao lado de sua cabeça. Atirou. Falhou da primeira vez, devido à brusca arrancada do animal, mas não, da segunda.

Antes de dobrar a primeira esquina, perseguido pelas balas, ainda teve tempo

de avistar um corpo humano atravessado na soleira da porta do hotel.

O'Hara continuou espicaçando o animal, atrás dos companheiros, direto para o rio. Os estampidos de muitos tiros chegaram até ele, mas não ficou muito preocupado. Preocupava-se, isso sim, pelo fracasso da missão. Levava Alina, é certo, mas fora em busca de outra mulher. Queria Crystal.

A mulher que agora odiava tanto como amara um dia.

Continuou cavalgando até juntar-se com Morris e Sullivan. Logo depois, sem que Alina recuperasse os sentidos, os três avistaram a cabana.

Na distância, os tiros diminuíram de maneira surpreendente e cessaram por completo, alguns minutos mais tarde.

CAPÍTULO X

Crystal tornou a guardar o "Derringer" no busto. Em seguida, apanhou um "Colt" no armário, com sua correspondente cartucheira e afivelou-o à cintura.

Minutos mais tarde, enquanto as detonações explodiam no interior do hotel, ganhava a escada dos fundos e por ela, a rua traseira. Continuou por ali, até a rua principal. Escondeu-se no umbral de uma porta e viu como O'Hara, com um lenço no rosto e chapéu desabado, atirava nos que iam em sua perseguição.

Viu o homem cair e depois esperou, enquanto O'Hara escapava, rua abaixo, a todo galope.

Procurou ver se Evanz aparecia por alguma parte.

Era óbvio que não estaria em seu quarto, já que não saíra ao corredor, a fim de averiguar o motivo daquele tiro.

Tão pouco estavam na rua. Onde estaria então?

Crystal viu o xerife chegar, correndo, mas tudo já terminara. O grupo de curiosos aumentou demasiadamente, mas sem sombra de Evanz. Será que não estava em Rosedale?

Onde, então? No "Nepente"?

Seria absurdo. Onde encontrá-lo naqueles momentos?

Apesar do que falara com Alina, Crystal desejava contar o acontecido a Evanz. Dizer-lhe que sua esposa fora raptada por engano. Dizer-lhe também algo mais.

Durante algum tempo, Crystal ficou completamente imóvel na soleira da porta, até que a lembrança de Richardson lhe veio à mente, num assomo inesperado.

Sim, por que não seria aquilo?

Talvez sem consultá-la, Jack tivesse tomado o caminho do rancho, procurando ver Richardson ou estudar o terreno. Poderia também ter ido ao encontro de O'Hara.

Crystal deixou a porta, voltou à ruela dos fundos e minutos depois estava no estábulo do hotel, encilhando seu cavalo. Pronta a montaria, ela partiu a galope para o ancoradouro.

Deixou o animal no cais e subiu a bordo. A primeira pessoa que encontrou foi St. Loman.

- Onde está Jack? - perguntou, antes de cumprimentá-lo.

- Não veio, "Mistress" Evanz - replicou o velho marinheiro. Ela sorriu.

- Pode chamar-me como antes, St. Loman - replicou. - Aquela mulher, Alina, já sabe de tudo. Onde poderá estar aquele endiabrado pistoleiro?

- Não sei. Desde que desembarcou, não tornou a por os pés no "Nepente", "Miss" Dumeine.

- Aconteceu alguma coisa?

- Sim, embora não tenha sido com ele - replicou, já caminhando para a passarela.

- Quer que algum homem a acompanhe, "Miss" Dumeine?

- Não, St. Loman. Prefiro ir só.

Deu meia volta e saiu. St. Loman, com os cotovelos fincados no balaustre do "Nepente", viu-a montar a cavalo e afastar-se a galope. Cocou a cabeça, perplexo.

- Não entendo - monologou. - Não me entra na cabeça que mulheres tão belas como

Crystal Dumeine e aquela outra. .. Alina, se engambelem por um pistoleiro mais ou menos. - Fez uma pausa por um longo minuto e continuou: - Se você fosse mulher, talvez compreendesse, St. Loman. Parecendo satisfeito com a conclusão, St. Loman deixou o balaustre e desceu para seu camarote, enquanto Crystal cavalgava, seguindo a margem do Mississipi.

Tinha um pressentimento, ao agir assim.

Sob as árvores, podia cavalgar quase certa de que nenhum homem de Richardson a veria, enquanto não estivesse praticamente dentro do rancho. Também pensava, pondo-se no lugar de Evanz, que ele cavalgaria da mesma maneira, já que não tinha interesse em ser descoberto naquelas terras.

E ela, muito menos. Ainda não entendia o significado da cena no hotel, embora suspeitasse de leve.

Percorreu uns quatro quilômetros e, sem saber porque, deu uma volta ao avistar uma enorme cabana bem na margem do rio, notando, de passagem, que havia clareza em seu interior.

Foi depois, ao retornar ao rio, já longe da cabana, que a luz penetrou-lhe no cérebro. Seria para lá que tinham levado Alina?

Mas, então porque, se Richardson era o proprietário da cabana?

Incapaz de encontrar a solução, Crystal continuou cavalgando, com o pensamento agora fixo em Jack Evanz.

No homem que amava e que só por milagre seria seu.

Repentinamente, Crystal parou o cavalo e depois aproximou-se com infinita lentidão da margem do rio. só tornando a parar quando as patas do animal se enfiaram no lodo, banhado pelas águas.

Apertando os olhos, esquadrinhou o líquido turvo e procurou obrigar o cavalo a continuar avante.

Encurralado.

Sentia-se tão acossado como um coelho na toca, enquanto os projéteis continuavam assobiando em torno de sua cabeça.

Evanz pesou meticulosamente a situação.

Que fazer?

Nada.

Nada, a não ser morrer matando.

Apoiou o rifle a uma rocha e empunhou os dois "Colts". Com uma careta dura na boca, colou-se à mesma e cravou os olhos em frente, justamente no lugar por onde, segundo esperava, apareceriam os sicários de Richardson.

Mais do que nunca, lamentou não tê-lo liquidado, apesar de ele já ter Crystal em seu poder, conforme afirmara.

Nesse momento, não havia mais nenhuma salvação para os dois.

Em certo tempo, o fogo diminuiu até cessar por completo. Compreendeu porque não atiravam mais. Temiam ferir os próprios companheiros, certamente já juntos às rochas que o guarneciam.

Evanz preparou-se para recebê-los condignamente, com o pensamento ora voltado para Alina Evanz.

Para Alina, a mulher que o traíra, acarretando a ruína e morte de seus pais.

Praguejou surdamente e depois calou-se, escutando os rumores da noite. A turbulenta torrente que tinha pela retaguarda sufocava-o quase inteiramente.

Quando pensou no rio, tornou a praguejar.
Por que não?

Afinal de contas, tanto fazia morrer de um modo ou de outro. O Mississippi estava às suas costas, cheio de rochas pontiagudas, naquela parte traiçoeira como nunca.

Morrer por morrer, preferia o rio.

Evanz deslizou rastejando, para o ponto em que deixara o cavalo. Segundos depois estava sobre a sela, dirigindo-o com lentidão e cuidado para a margem, sete ou oito metros além.

Não obstante, foi visto antes de chegar.

Cinco homens irromperam por entre as rochas, empunhando os "Colts". Evançouviu-os blasfemar e compreendeu que logo o veriam. Picou esporas, virando-se em meio, na sela, e dirigindo o animal com os joelhos.

A primeira labareda surgiu no negror da noite, procurando-o e sentiu o gelado hálito da morte junto ao rosto. Apertou simultaneamente os gatilhos, movendo os revólveres em leque.

Quatro dos cinco atacantes prostraram-se ao chão para sempre, ao passo que o quinto era catapultado de cabeça, para atrás das rochas, no exato momento em que o cavalo chapinhava na margem lamacenta.

Evanz guardou as armas, sabendo que doravante só poderia confiar no instinto do animal. A partir de então, as armas estavam sendo demais em suas mãos.

Entretanto, quando o cavalo perdeu pé e começou a nadar, vários vultos apareceram por entre as rochas e matos, de armas em punho

Correram para a margem e os tiros assobiaram perigosamente, caçando a cabeça de Evans. O jovem soltou impropérios em todos os tons.

Depois, para auxiliar o animal, abandonou a sela e agarrou-se à sua cauda.

Olhou para trás. Não ouviu as detonações, mas viu com absoluta clareza as labaredas desprendidas pelas armas. Sorriu, sarcasticamente, no mesmo instante em que o animal estremecia.

Nadando atrás dele, seguro à sua cauda, Evanz só o notou depois que o cavalo parou de nadar. Imediatamente foi arrastado rio abaixo, com horroroso ímpeto.

Soltou-se, percebendo que o animal fora morto com um tiro e tentou, por todos os meios ao seu alcance, lutar contra as águas que, não podendo evitá-lo, afastavam-no da margem .

De repente, seu corpo chocou-se contra uma rocha submersa.

Foi um golpe de lado. Se fosse pela frente, seria despedaçado no mesmo momento. Mas, mesmo assim, Evanz quase perdeu os sentidos e seu corpo submergiu nas águas turbulentas, como um bloco de chumbo.

Semi-inconsciente, fechou a boca e continuou afundando cada vez mais, até sentir, vagamente, que tinha de fazer algo. Que tinha de lutar.

Foi o que fez. A princípio conturbadamente, mais rápido depois, notando que suas botas pesavam toneladas.

Lutou para alcançar a superfície, sentindo que agora a torrente não era tão impetuosa.

Por que seria? Devido à profundidade em que se encontrava ou ter-se-ia aproximado da margem?

Com os pulmões a ponto de explodirem, Evanz conseguiu ganhar a superfície das águas.

Sim, estava bem mais perto da margem, mas ainda faltava um bocado para chegar até lá. Conseguiria?

Prosseguiu lutando sem cessar, quando, começou a sentir que as forças o abandonavam pouco a pouco.

Resolveu deixar-se levar, procurando apenas evitar que submergisse, novamente. Por quanto tempo?

Nunca o soube, nem mesmo quando viu aquele cavalo, quase fazendo linha reta com ele próprio.

Viu como o cavaleiro fazia sinais com a mão e parecia gritar algo que não entendeu, devido ao incessante rugido do rio.

Logo o reconheceu e uma maldição escapou por entre seus dentes cerrados.

Reunindo as poucas forças que lhe restavam. Evanz recomeçou a luta contra

as águas e afinal, meio desfalecido, conseguiu agarrar a cauda do cavalo.

Mal o fez, Crystal tirou o Colt, guardando-o num dos alforjes da sela. Feito isto, deixou-se cair na água e pouco a pouco obrigou o cavalo a nadar para a margem.

Vinte minutos depois, os dois e animal, escorrendo e completamente esgotados, chegavam à terra.

Evanz foi o primeiro a cair sobre a relva. Fechou os olhos.

CAPÍTULO XI

- Que, demônios, estava fazendo no rio e a estas horas?

Foi Evanz quem fez a pergunta, meia hora depois, já sentado sobre o úmido tapete de relva, com os olhos fixos na maravilhosa e encharcada figura de Crystal.

Ela sorriu debilmente

- Em certa ocasião, você mesmo disse que eu era um pirilampo do rio. Portanto, que há de estranho em que, sendo isso, eu tenha vontade de passear perto dele, no meio da noite?

- Estou perguntando sério, Crystal.

- Também falo sério - continuou ela mentindo, sabendo de antemão que se lhe contasse a verdade, ele era bem capaz de deixá-la sozinha, sem cavalo, para iniciar a perseguição dos homens que raptaram Alina. - Precisava de um passeio e - saí. Nem eu mesma sei como tive idéia de olhar para o rio, mas foi o que fiz e o vi. O resto,

sabe tão bem quanto eu que aconteceu?
Como perdeu seu cavalo?

Evanz fitou-a longamente, tentando descobrir onde estava a mentira e a verdade naquela história. Não conseguiu.

Replicou então, contando os acontecimentos do rancho entre ele e Richardson, para culminar com a perseguição de seus homens.

-Disse que O'Hara saíra atrás de você, afim de levá-la sei lá para onde. Vejo que mentiu. Ou não foi isso, Crystal?

- Que quer dizer, jack?

- Nada, a menos que esteja mentindo, garota. Diga o que disser, continuarei estranhando seu passeio pelo rio ao luar. Por que não fala claro, Crystal? Que houve em Rosedale para que você esteja por aqui e não em poder de O'Hara?

- Já disse a verdade, Jack - replicou ela. Evan z levantou-se.

- Pois bem, querida sócia - disse. - Irei a Rosedale, informar-me pessoalmente.

Aproximou-se do cavalo, justamente o que mais temia a moça.

- Ei! Vai deixar-me sozinha?

- Não, menina. Monte também. Irá na garupa.

Crystal aproximou-se lentamente e o encarou, colocando a mão em seu braço.

- Ia contar-lhe mais tarde, Jack - começou.

- Quando estivesse mais disposto. Contudo, já que o deseja, falarei agora. Trata-se de Alina, de sua mulher.

Evanz crispou o rosto numa careta.

- Quer explicar-se?

Crystal começou a falar vagarosamente, contandolhe tudo o que houvera na cidade.

- Por isso saí de lá - terminou. - Fui procurá-lo. E agora, que pretende fazer?

- Procurá-la.

- Mas, Jack! Aquela mulher levou a morte e a ruína a seus...

- Mesmo assim, continua sendo minha mulher, Crystal.

Ela baixou os olhos para o chão.

- É verdade - murmurou devagar. - Mas você sabe que...

- Não prossiga, Crystal! Já sei, mas nada posso fazer. - Olhou-a de frente e sentiu as pupilas da moça fixas nas suas. - Não a amo, Crystal. Desejaria corresponder-lhe

como nunca desejei nada na vida, mas não é...

O riso aéreo dela o interrompeu em seco. Evanz fitou-a, algo perplexo e Crystal tornou a rir. - Não fique tão trágico, Jack - disse, engolindo as lágrimas para que ele não as percebesse. - Como sempre disse você, e todos que me conhecem, sou uma jogadora profissional. Um pirilampo do rio. Minha vida é aquela, querido. O rio. Abaixo e acima. Cedo ou tarde voltarei a ele. Levantarei âncoras e continuarei depenando os incautos.

- Afirmou que não voltaria a navegar, Crystal.

- Talvez não, mas pode acontecer. Agora, mudemos de assunto. Que vai fazer?

Olhou-a fixamente e respondeu:

- Tentarei encontrá-la, embora sem saber se o conseguirei. Voltar ao rancho de Richardson seria loucura, pelo menos por esta noite. Mas, por que O'Hara a terá levado? Segundo você, mal a derrubaram, perceberam o engano. Por que então não a deixaram no corredor?

- Não sei. A menos que.. .

- Continue, Crystal.

- Bem, pensei que talvez Richardson queira fazê-la desaparecer.

Evanz arregalou os olhos com assombro.

- Por que?

- Já contei que ela nega ter tido participação no negócio sobre seus pais. Alega que Richardson a enganou. Ela, Alina, poderia contar a verdade.

Evanz não respondeu logo. Ficou pensativo, fitando-a nos olhos, até exclamar, minutos depois.

- Então, segundo ela diz, é inocente e, portanto, temendo o que possa vir a declarar ou comunicar-me, Richardson deseja eliminá-la ou talvez fazê-la sumir de circulação por algum tempo. O suficiente até que eu seja eliminado. - Calou-se, para perguntar depois: - Reconheceu o homem do hotel, Crystal?

- Não estou bem certa, Jack. Juraria, porém que era O'Hara. O tipo parecia o dele, quando o vi fugir a cavalo. Isto, junto com o que você contou sobre Richardson, parece confirmar o fato.

Um novo silêncio reinou entre os dois, durante uns bons cinco minutos, findo os quais, Evanz tornou a perguntar:

- Então, segundo sua intuição, Alina estará naquela cabana, não?

Crystal assentiu mudamente com a cabeça e indagou:

- Irá até lá, não é verdade?

- Sim. Compreenda. Boa ou má, continua sendo minha esposa. Ela não pôde conter-se e replicou:

- Infelizmente para os dois, jack. Ela fará com que o matem e depois... meus homens, os do "Ne-pente", deixarão Rosedale em alvoroço. Tem a minha palavra. - Olhou para ele fixamente e acrescentou: - Vamos, jack. Chegaremos à cabana por volta do amanhecer.

Evanz estendeu a mão direita:

- Dê-me o "Colt", Crystal. Os meus estão cheios d'água

Ela fitou-o longamente e depois apanhou a arma, entregando-a a ele.

Evanz tirou seu revólver da direita, guardando-o no alforje da sela. Em seu lugar enfiou o que a moça entregara.

Feito isto, montou e estendeu os braços. Crystal segurou-se a eles e pouco depois estava na garupa

Segurando-o pela cintura, com os olhos semi-cerrados, ela deixou-se levar.

Continuaram cavalgando no mais completo silêncio, enquanto Evanz sentia a pressão dos braços dela em sua cintura. Entretanto, não percebia nada. Não sentia que a pressão daqueles braços significava algo mais que o desejo de agarrar-se a ele para não cair da sela.

Havia muito mais. Havia qualquer coisa de desespero, de renúncia a ele. Naquela pressão, Crystal dizia claramente sua desistência ao homem que era tudo para ela.

A Lua escondia-se no horizonte. Crystal pensou nisto, ao erguer os olhos para o céu e fitá-la. Dentro em breve estariam perto da cabana. Seria o fim.

Era o fim de qualquer modo. Com a vitória ou não de Evanz, a única prejudicada seria ela. De um modo ou de outro, ele estaria perdido para sempre.

Melhor dizendo: já o perdera.

Sacudiu a cabeça para afastar aqueles pensamentos angustiosos e olhou em torno. A seguir, Evanz ouviu-a murmurar:

- Estamos chegando, Jack. A cabana fica atrás daquela curva, sob as árvores que margeiam o rio. Assim que chegarmos perto daquelas rochas, você a verá.

Evanz freou o animal, quando chegaram a uns espessos arbustos. Desmontou e Crystal acomodou-se na sela.

- Continuarei a pé, Crystal - disse, olhando para ela. - Entretanto, você pode ir dormir. Há uma boa cama à sua espera, no hotel em Rosedale.

Crystal sorriu levemente.

- Nem pense nisso, Jack - replicou. — Ficarei aqui, até que tudo tenha terminado.

- Não seja tonta, menina. Certamente encontrarei cavalos na cabana. Os suficientes para mim e para Alina. - Fez uma pausa e perguntou: - Disse que havia três homens, contando com O'Hara, não?

- Sim, Jack, desde que eu esteja certa, ao suspeitar de que levaram sua mulher para lá.

Evanz fitou-a por muito tempo, para depois perguntar:

- Irá para o hotel, não?

- Sim, Jack. Irei, mas só depois que soar o primeiro tiro.

- Crystal!

- Raios!

- Mas. ..

- É inútil, Jack. Vou ficar aqui, como disse, até que ouça o primeiro tiro. Depois irei.

Ficaram alguns segundos em silêncio, entreolhando-se, até que Evan z sussurrou:

- Gostaria que fosse agora, Crystal. Iria para aquela cabana muito mais tranqüilo, sabendo que não deixo para trás ninguém com quem me preocupar.

Ela sorriu levemente.

- Vá em paz, Jack e tome cuidado. Não se preocupe comigo, já que irei assim que o veja chegar às rochas.

Vagarosamente, sem dizer palavra, Evan z deu meia volta e afastou-se, com a suavidade de um jaguar, a mão colada à coronha do "Colt" e seguido pelos olhos brilhantes de Crystal Dumeine.

Já nas rochas, Evanz virou o rosto para trás.

Crystal não estava mais no mesmo lugar. Afastava-se dali com exasperante lentidão, como se isso lhe custasse um enorme esforço.

Cautelosamente, ele começou a rodear as rochas. Minutos após deixou-as para trás e a cabana apareceu-lhe à vista.

Continuou avançando, a mão roçando a coronha do "Colt", de olhos fixos naquela janela iluminada, enquanto a claridade do novo dia aparecia no horizonte, às suas costas.

CAPÍTULO XII

Alina só voltou a si muito tempo depois. Sua primeira sensação foi de infinita angústia, ao mesmo tempo que uma dor aguda parecia perfurar-lhe o cérebro.

Depois, de modo vago e impreciso, julgou reconhecer o lugar em que estava. Fechou os olhos imediatamente, acometida de náuseas.

Ficou assim por alguns minutos, enquanto as palavras pronunciadas por vários homens chegavam a seus ouvidos, mais e mais claras.

Palavras e vozes que ela conhecia suficientemente bem.

Quando percebeu que não era ilusão de seus sentidos, Alina abriu os olhos, relanceando-os em torno. Agora pôde ver com nítida clareza.

Não se enganara. Estava na cabana que Jess Richardson tinha às margens do Mississippi.

Quanto aos homens, também logo os identificou. Um deles era aquele Larry O'Hara, a quem tinham recolhido no rancho, dias antes. O homem que falava tão mal de Jack Evanz. O homem que afirmara ter seu marido casado com a mariposa do rio.

Os outros dois, guarda-costas de Richardson. Sullivan e Morris. Que teria acontecido? Por que fora levada para ali? Por que a golpearam ao sair do quarto de Crystal Dumeine?

Incapaz de decifrar o problema, mas sentindo-se presa de crescente angústia, Alina tentou sentar-se no catre em que fora colocada.

Conseguiu, depois de ingentes esforços. Foi novamente acometida de náuseas e em seguida tornou a olhar em volta.

Os três estavam ali. O'Hara permanecia de pé, olhando para Morris e Sullivan, sentados em cadeiras e olhando-o também. A julgar pelo que diziam, falavam sobre ela. Alina não ouviu. Tentou ficar de pé, vagorosamente. Já o conseguia, quando fez um ligeiro ruído. Os três viraram-se para

ela, mas foi O'Hara quem falou primeiro, perguntando num tom cheio de sarcasmo:

- Sente-se bem, mistress Evanz? Ou devo chamá-la miss Hendrix?

- Que significa isto, mister O'Hara? - perguntou. Olhou em seguida para Morris e Pat Sullivan. - Por que me trouxeram para cá?

Nenhum dos dois respondeu à última pergunta. Limitaram-se a olhar para O'Hara, que continuava sorrindo zombeteiramente.

Foi ele quem respondeu:

- Obedecemos ordens de monsieur Richardson, madama Evanz - disse, falando em francês.

- Ele nos mandou fazer isto. Segundo parece, a senhora não lhe é pessoa..

- Está mentindo, cão!

Enquanto o interrompia, Alina deu alguns passos para diante e por alguns segundos O'Hara- prendeu a respiração, ante tanta beleza quase ao alcance de sua mão.

- Richardson ordenou que a trouxessem para cá, madame Evanz. É tudo o que sei a respeito. Recebi cinco mil dólares para isso

- disso, pouco se importando que Morris e Sullivan soubessem o preço que Richardson estipulara para o rapto de Crystal.

- Cinco mil dólares se trouxesse a senhora e Crystal. Não continue perguntando, porque nada direi.

Por alguns minutos, Alina pareceu atordoada. Aquilo era algo que não lhe entrava na cabeça, mas pouco a pouco, raciocinando, compreendeu que era o que se podia esperar de um jovem como Jess Richardson.

- Vão matar-me? - perguntou em voz tensa.

- Não que eu saiba. Meu trabalho é só esse. Trazer as duas para esta cabana. O resto, o que Richardson fará com ambas, não sei.

Alina deu outro passo em frente e ele sentiu o perfume que emanava dela.

Depois ficou preso àquelas pupilas brilhantes, aos lábios vermelhos e incitantes.

- é a meu marido que procuram, não? Sabem que tão logo ele venha a saber que eu e aquela Crystal Dumeine estamos aqui,

aparecerá. . . Uma vez conseguido isto, o matarão, não é?

- Já disse que não sei de nada, madama. Portanto, sente-se e deixe-nos em paz.

Alina não fez caso da ordem. Continuou onde estava, encarando-o com os olhos cada vez mais brilhantes.

- Espera que eu o permita, O'Hara?

- Isso pouco me importa, mas terá que fazê-lo - segurou-a pelo braço, puxando-a e levando-a quase de rastro para o catre que abandonara. - Sente-se e nada de criancices, madame. - Falava arrastando as palavras. - Tenho ordens de não importuná-la, mas se ficar inconveniente. . . E a propósito: por que demônios, preocupa-se tanto com um ordinário como Jack Evanz? Realmente é seu marido, mas no "Nepente" casou-se com Crystal Dumeine, cometendo o delito de. . .

A cortante gargalhada de Alina o interrompeu.

- Antes não disse que se tinha casado com ela, O'Hara. Mentiu, fazendo-me crer que Crystal era sua amante, como mente agora, dizendo que Jack casou-se com ela.

Conversei com os dois e sei da verdade. Portanto, poupe suas mentiras e agora, deixe-me sair! Não pretendo continuar aqui um só minuto mais.

Virou-se para a porta, enquanto Morris e Sullivan contemplavam a cena em silêncio, perguntando-se em que terminaria tudo aquilo.

Não demoraram a sabê-lo. Apenas dois minutos.

O'Hara moveu-se, assim que ela chegou à porta. Deu uma larga passada e segurou-a pelo braço, puxando por ela. Alina deu meia volta e um segundo depois estava nos braços do jogador.

Ficou imóvel. Olhava-o atentamente, até notar que a expressão do homem transformava-se em outra, muito sua conhecida.

Em seguida, os braços de O'Hara prenderam-na pela cintura. Alina sentiu o rosto dele inclinar-se para o seu. Não fugiu ao beijo, mas começou a forcejar.

Quando os lábios de O'Hara aprisionaram os seus, Alina golpeou-lhe o estômago com

a ponta do cotovelo, para atirar-lhe um pontapé no osso da perna.

O'Hara soltou uma maldição em voz rouca e deu um passo para trás, ante as risadas de Morris e Sullivan. As risadas instantaneamente foram mudadas para uma expressão de alarma, ao verem que Alina tinha um dos longos "Colt" de O'Hara na mão.

Também ele viu a negra boca que se levantava rapidamente para sua cabeça. Atirou-se ao chão, praguejando, no momento em que Alina apertava o gatilho. Atrás dele, o rosto de Morris contraiu-se numa dolorosa careta de agonia e surpresa. Depois pareceu enrugar-se como um saco vazio e caiu ao chão, com um balaço de chumbo no estômago.

Alina não se preocupou em verificar o que acontecera. Sem largar o "Colt" correu da cabana, enquanto O'Hara se levantava, agora gritando como um louco.

Atirou-se para a porta como um torvelinho, alertando o espantado Sullivan que ainda não voltara a si do assombro.

- Vamos, depressa! Se ela chega até os cavalos...

Sullivan reagiu, quando O'Hara atravessava a porta como um raio. Mas mesmo assim, Alina foi muito mais rápida. Perto do estábulo, virou-se a tempo de vê-lo aparecer.

Tornou a atirar e o chapéu de copa baixa voou da cabeça do jogador, o qual, para não perder o costume, tornou a esbravejar, impropérios, atirando-se ao chão de cabeça e fazendo com que o outro balaço de Alina se perdesse às suas cestas. A madeira da porta da cabana ficou estilhaçada a poucas polegadas da cabeça de Sullivan, naquele momento saindo também e empunhando seus dois "Colts".

- Cata maldita!

Atirou duas vezes e Alina sentiu o chumbo gemer acima de sua cabeça.

Deu meia volta e correu para o estábulo, enquanto O'Hara ficava de pé.

- É preciso agarrá-la viva. Seu. . .

Seu grito de aviso foi cortado pela explosão dos "Colts" do pistoleiro, ao atirar mais duas vezes.

Alguns metros além, Alina pareceu tropeçar num obstáculo invisível. Cambaleou e, em seguida, caiu ao chão, para ficar atravessada na soleira da porta.

Dentro do estábulo, os cavalos escoicearam, nervosos. A terrível praga de O'Hara soou como um tiro, na solidão que agora reinava no ambiente.

A seguir, foram suas palavras que chicotearam como novos tiros:

- Imbecil! Falei que era preciso agarrá-la viva! Sullivan respondeu, enquanto caminhava lentatamente para o estábulo, com os olhos presos ao corpo inteiramente imóvel da moça:

- Antes eu do que essa ordinária, O'Hara. Meta isso na cabeça e pare de discutir! Essa maldita esteve a ponto de matar-me! Que queria, que eu cruzasse os braços? Raios o partam!

Continuou caminhando, sem desviar os olhos dela. O'Hara o seguiu, mas fazendo o contrário. Olhou em volta, várias vezes. Assim, foi o primeiro a perceber o vulto que emergia das árvores, direto a eles.

Também advertiu o brilho metálico que havia numa de suas mãos.

- Cuidado, Sullivan! À sua esquerda!

Sullivan deslocou-se para a direita, girando sobre si mesmo e encarando o lugar apontado.

Levou pouco para ver o vulto e outro tanto para erguer seu "Colt", apertando o gatilho. Quando o fez, uma agulha de chumbo perfurou-lhe o peito, uma fração de segundo antes, atirando-o para trás como o que já era uma massa inerte e sem vida.

Sullivan caiu junto de Alina, a seus pés, com o coração varado de lado a lado, enquanto O'Hara abria fogo contra Evanz. O pistoleiro chegava dois minutos atrasado, para salvar a que era sua esposa.

Para salvá-la, sim, mas não para vingá-la.

O chumbo de O'Hara arranhou-lhe a face. Evanz apertou o gatilho, mas nesse momento o jogador rolava pela relva alta, fazendo com que o tiro se perdesse no rio.

Depois destas duas últimas detonações, um espesso silêncio caiu sobre os arredores. A distância, por trás das

longínquas montanhas, o Sol aparecia, espreguiçando-se por entre os picos.

Evanz moveu-se, então, avançando diretamente para a cabana, arrastando-se pelo capim como uma serpente, com uma apavorante careta nos lábios finos, agora tão pálidos quanto seu rosto.

Ouvira os tiros, sufocados pelas paredes da cabana e correria para lá. Chegou às últimas árvores ainda a tempo de ver Alina cair, atingida pelo tiro de um daqueles pistoleiros. Correu mais depressa.

Ao correr, reconheceu a voz de O'Hara, avisando o outro de sua chegada. Foi quando atirou, adiantando-se por frações de segundo. Mas agora o jogador estava agachado, não longe dali, como um coelho que poderia transformar-se em puma, se tivesse tempo suficiente.

À medida que se aproximava da cabana, uma onda de fúria o invadia. Uma vontade louca de matar apoderava-se dele, até ficar inteiramente insensível a qualquer outro sentimento.

Chegava junto ao corpo de Sullivan, quando percebeu um leve ruído nos

arbustos à esquerda. Atirou naquela direção uma só vez.

Os arbustos ficaram imóveis, banhados pelos raios do sol.

Esperou, com os nervos tensos, lutando com os cinco sentidos, para não fitar o cadáver de sua esposa.

Contou mentalmente os projéteis que restavam no "Colt" entregue por Crystal. Quatro.

Deslizou lentamente pelo chão até o cadáver do pistoleiro. Um de seus "Colt" ou os dois, podiam fazer-lhe falta.

Parou a poucas polegadas e estendeu a mão. Mal o fez, uma bala a roçou, vindo cravar-se no cadáver com um rumor sinistro.

Com violento puxão, Evanz tirou o "Colt" e rolou sobre si mesmo. Um novo balaço enterrou-se então no ponto em que estivera seu corpo, pouco antes.

Atirou em O'Hara no momento em que este se deixava cair novamente por entre os arbustos.

Sabendo que tornara a errar, Evanz ficou de pé e correu para a cabana. Cercou-a em

duas passadas e, uma vez do outro lado, substituiu seu "Colt" pelo que tirara do pistoleiro morto.

Rodeou a cabana e teve uma surpresa. A menos de trinta metros, com as armas nos coldres, estava O'Hara, parado, com as pernas ligeiramente entreabertas e olhos fixos na cabana.

Evanz saiu de trás da mesma e avançou para ele, guardando a arma e perguntando-se que novo truque inventara o jogador a fim de desfazer-se dele.

Quinze metros os separavam, quando O'Hara falou:

- Tornamos a encontrar-nos, Evan - disse.
- Sim e desta vez será a última.
- Também acho. Agora, antes de atirar, quero dizer-lhe que não pretendia matar sua mulher. Precisava dela viva.

Evanz fez uma careta que o outro não percebeu e deu uma gargalhada de mau agouro.

- Acha que isso pode importar-me muito, O'Hara?

- Não, creio que não, mas queria dizer-lhe. Por que não para aí mesmo, Evan?

Foi o que fez, mas depois de avançar mais dois metros. Com uma careta fria nos lábios, perguntou:

- Como quer que o mate, O'Hara?

O jogador sentiu um estremecimento percorrer-lhe o corpo. Lutou contra aquela sensação tão semelhante ao medo e finalmente conseguiu articular em voz firme:

- Ainda não estou morto, Evanz. Portanto, posso fazer-lhe igual pergunta.

- Como queira, O'Hara. Pode sacar agora. Não falaram mais. Separados por uma dúzia de metros, sob os raios do sol do novo dia que tão tragicamente começava, os dois homens entreolharam-se, esperando surpreender-se mutuamente.

CAPÍTULO XIII

O'Hara foi o primeiro a mover-se, deixando-se cair ao chão.

Rolou no meio da relva, enquanto o "Derringer" aparecia em sua mão direita. Apontou, mas não chegou a atirar.

Evanz foi mais rápido, despejando fogo pelos dois "Colt", até esgotar a carga de ambos.

No chão, O'Hara rolou de um lado para outro, contorcendo-se espasmodicamente pelo impulso dos tiros, até ficar inerte, com o corpo feito peneira e o rosto enterrado na terra e mato rasteiro.

Evanz nem olhou para ele.

Deu meia volta e caminhou para onde jazia Alina, em atitude de infinito cansaço, com os ombros baixos e a cabeça sobre o peito.

Ao inclinar-se para ela, percebeu que ainda vivia. Ajoelhou-se a seu lado, contemplando-a.

Os formosos olhos, agora um tanto velados pela morte que levavam dentro de si, cravaram-se nos seus.

- Acertaram-me bem, Jack - sussurrou. - Nas costas. Vou... vou deixá-lo, querido. Breve, muito breve, estarei com seus pais. Eu...

- Cale-se! Cale-se, por favor!

- Por que haveria de calar-me, Jack? Nada mais importa agora. Sei que morrerei em poucos minutos e quero que saiba a verdade.

- Já a conheço, Alina. Vamos, cale-se. Vou levá-la para a cabana.

- Não! Não, Jack. Não me mova daqui. Eu não aguentaria. Eu... Eu nada tive a ver com aquilo, acredite. Vou morrer e não posso mentir. Foi ele, Jess, quem planejou tudo sem dizer-me nada. Engambelou seus pais, aproveitando-se de sua ausência. Ele o odiava, porque você sempre foi partidário da causa do Norte.

Também eu fui envolvida. Jess pintou-me seus negócios como algo proveitoso e completamente legal, fazendo-me ver que seus pais deviam associar-se a ele, já que

só teriam a lucrar. Depois é que soube da verdade, quando já era tarde demais para ajudá-los.

- Se é assim, por que fugiu, Alina?

- Não tinha alternativa, Jack. Ele. .. complicou as coisas de tal modo, que aos olhos de seus pais eu era tão culpada como o próprio Jess. Fomos denunciados como vigaristas e tivemos que fugir. Foi então que vim a saber de tudo. Ao querer ficar, ele replicou que tudo estava disposto de tal maneira que aos olhos de todos eu seria tão culpada quanto ele.

Tive que segui-lo, Jack. Quem acreditaria em mim? Ninguém. E seus pais, ainda menos. Eis a história, Jack, querido. Gostaria de vê-lo acreditar em mim e não o matasse, se fosse possível. Evite-o, Jack! Morrerei tranquila. Faça-o por nossa filha!

No mesmo instante notou uma faísca de surpresa e incredulidade no semblante de Evan. Acrescentou, cada vez com mais dificuldade:

- É verdade, Jack. Temos uma, menina de cinco anos e alguns meses. Está com uns

amigos em Nova Orleans. Vá buscá-la. Ela precisará do pai, Jack...!

Calou-se, procurando nervosamente as mãos de Evanz. Ao encontrá-las, apertou-as e tornou a olhá-lo.

- Prometa-me, Jack - sussurrou com esforço.

Evanz engoliu em seco, enquanto por sua mente passavam vertiginosamente todos os acontecimentos até aquele dia.

E agora, ela que morria em seus braços, continuava suplicando pela vida do homem que levara seus pais à morte.

Contemplou sua esposa que o fitava ansiosamente, com os olhos já vidrados pela morte próxima.

- Assim farei, Alina - disse cansadamente, - Dou-lhe a minha palavra.

- Obrigada, Jack. Acredita em mim, então? incapaz de falar, Evanz inclinou a cabeça, assentindo mudamente.

- Irá buscar a pequena Mabel, não?

- Sim. Partirei amanhã mesmo.

Alina sorriu tristemente. Depois entreabriu os lábios, num silencioso convite. Evanz

inclinou-se sobre ela e a beijou, mas não encontrou resposta a seu beijo.

Alina acabava de morrer.

Morria e ele jamais saberia que partira deste mundo querendo pedir-lhe para casar-se com Crystal Dumeine, pois nela vislumbrara uma nova mãe para sua filha...

Evanz separou-se dela, ao compreender que deixara de existir. Fechou-lhe os olhos e tomou-a nos braços, dirigindo-se em passos lentos para o interior da cabana.

Enquanto a depositava com todo o cuidado no catre, Crystal abandonava vagarosamente os arredores da cabana. Já a certa distância, galopou furiosamente rio acima, até o ancoradouro de Rosedale.

St. Loman coçou a nuca um tanto perplexo, perguntando-se que demônio perseguiu Crystal daquela maneira, para que ela subisse a passarela com tanta ânsia.

Soube-o assim que ela ficou à sua frente.

Enquanto falavam, Evan sentava-se ao lado do cadáver de Alina, no interior da cabana e acendia lentamente um cigarro.

Pensava nela, na vida diferente que poderiam ter tido os dois, se não fosse aquele asqueroso Richardson. E não podia matá-lo! Acabava de prometer a uma agonizante!

Ficou longas horas ali, sem comer, fumando sem parar até que as primeiras sombras da noite começaram a cair.

Então levantou-se, acendeu o lampião de petróleo e tornou a sentar-se junto dela, com a vaga impressão de que deveria enterrá-la. Que precisaria cavar um buraco, introduzi-la nele, tapá-la com pedras e terras e depois afastar-se dali, de uma vez para sempre.

Para Nova Orleans. Em busca de sua filha. Alina não dissera o nome da família com quem a deixara, mas isso não constituía problema para ele.

Pôs-se vagorosamente de pé e saiu da cabana, atirando o cigarro longe. Procurou pelas redondezas, até encontrar uma pá e uma picareta.

Minutos mais tarde, começou a cavar sob as árvores.

Não soube quanto tempo levou, mas finalmente a sepultura ficou pronta. Deu meia volta e dirigiu-se para a cabana. Chegando ao lado do cadáver de Alina, inclinou-se para beijá-la uma última vez e em seguida, embrulhou-a delicadamente num lençol.

Feito isto, tomou-a nos braços e foi para a porta. Não chegou a alcançá-la. Muito antes, esta se abriu violentamente e Jess Richardson apareceu na soleira, acompanhado por quatro homens.

Todos os cinco empunhando os "Colts".

- Raios! Foi capaz de matá-la?

Como única resposta. Evanz atirou-lha um olhar desdenhoso.

- Dê passagem, Jess - disse friamente. - Cavei uma sepultura sob as árvores para sua meia irmã. Quero enterrá-la ali e você vai permití-lo.

Encararam-se fixamente.

Depois, talvez impressionado pelo fardo que Evanz tinha nos braços, por sua frieza ou pelo tom de voz, por algo indefinível, Jess Richardson afastou-se da porta para deixá-lo passar.

Mas nem por isso parou de apontar a arma. Nem ele, nem nenhum de seus homens.

Já fora da cabana, seguiram-no em silêncio, com os revólveres prontos para entrar em ação.

Contudo, só se aproximaram quando Evanz depositou brandamente o corpo da jovem dentro da sepultura. Só então Richardson fez um sinal a um de seus sequazes e este aproximou-se por trás, arrebatando-lhe os dois "Colt".

- Quem vai morrer não precisa de artilharia, rapaz.

Evanz não respondeu. Apanhou a pá e começou a encher a sepultura de terra e pedras. Quando terminou, deu meia volta e encarou Richardson.

- Fale logo - disse. - Que quer?

- Vou dizer-lhe em poucas palavras, Jack. Mas primeiro quero saber porque matou Alina. Ela nunca teve nada a ver com aquilo.

Evans riu friamente, um riso sinistro, junto à recém-coberta sepultura de Alina, despertando estranhos ecos na quietude reinante.

Richardson estremeceu, enquanto seus quatro homens crispavam as mãos em torno da coronha das armas, ainda nos coldres.

- Eu já sabia de tudo isso, Jess. Ela falou. Portanto, não tinha motivos para matá-la.

- E espera que eu acredite?

Evanz respondeu com uma fria pergunta:

- E acha que eu me importo com isso?

- Daí pode depender a sua vida.

Evanz tornou a sorrir. Um sorriso da morte, se é que a Dama da Foice sabe sorrir.

- Vou perdê-la de qualquer modo. Jess. Portanto, para que discutir mais?

- Sim, tem razão. Mas gostaria de conhecer sua versão dos fatos.

- Isso mudaria as coisas? Agora foi Richardson quem sorriu.

- Receio que não, Jack. Mas desejaria ouvir sua explicação. .. enquanto cava outra sepultura.

- A minha, Jess?

- Você é um sujeito muito esperto. Sempre o achei, Jack. Pena que nossos caminhos se separassem há tanto tempo! Quer contar-me o que houve? Avistei os

cadáveres por aí, entre eles o de O'Hara. Não posso imaginar o que faziam nesta cabana, Jack.

- Não, hein? Que pena! Enfim, se não sabia, vou dizer-lhe.

Lentamente, como se quisesse atrasar a morte inevitável o mais possível, Evanz começou a contar tudo, iniciando pela chegada de O'Hara ao hotel, a confusão que lá tivera e depois as explicações de Alina, pouco antes de morrer.

Ao terminar, empunhava a pá, olhando fixamente para Richardson...- E agora, Jess?

Este ignorou a pergunta, respondendo com outra.

- Bem, Jack - falou inesperadamente. - Que aconteceria se eu o deixasse ir? Imagino que iria perseguir-me até terminar comigo, não?

- Prometi a ela que não o faria, Jess. Que iria a Nova Orleans buscar nossa filha.

- Sim - replicou Richardson pensativamente,— talvez você a atendesse, mas não quero arriscar-me. É melhor começar a abrir uma nova sepultura. Como

já disse, a sua - olhou significativamente para o lugar em que repousava Alina e sussurrou: - Ficarão juntos, Jack.

- E se negar-me a fazê-lo?

Richardson arregalou os olhos, parecendo surpreendido pela possibilidade de uma recusa.

- Isso de nada adiantaria, Jack - olhou para os quatro homens. — Poderíamos ficar inconvenientes, não é mesmo, rapazes?

Foi respondido por uma gargalhada geral e uma frase de um deles:

- Ainda duvida?

Com a pá nas mãos, Evanz fitou-os, um por um. Depois aproximou-se vagarosamente da sepultura de Alina e meteu mãos à obra a poucos passos dela, enquanto seu cérebro trabalhava a toda velocidade.

CAPÍTULO XIV

Pensava. Prometera não matar Richardson e não o mataria. Mas também não podia cruzar os braços, enquanto eles o liquidavam como a um cão.

Continuou cavando.

A cova foi ficando cada vez maior, enquanto a terra se acumulava pelos dois lados.

O suor corria-lhe pelo peito e costas. Evanz procurava averiguar a posição em que estavam os quatro pistoleiros e principalmente Richardson.

Com uma permanente careta no rosto, este estava de pé, muito perto dele, com as mãos sobre os negros e impressionantes Colt, do maior calibre.

Estava muito perto. Era o único a quem poderia atacar. Mas, e os outros?

Sabia o que aconteceria, mas não tinha alternativa.

Mal terminasse a sepultura, Richardson emitiria algumas palavrinhas e os outros o liquidariam. Continuou cavando.

Cavando por um quarto de hora ou mais, após o que começou a erguer-se lentamente, sem soltar a pá e limpando o suor da fronte com a manga da camisa.

Terminou de ficar de pé e girou vagorosamente para enfrentar Richardson, que o contemplava com um sorriso zombeteiro.

Contudo, ao finalizar o movimento, Evanz acelerou a meia volta ao máximo, enquanto levantava a pá.

Esta, dirigida magistralmente contra as mãos de Richardson, acertou-as e os Colt saltaram longe, enquanto o atingido soltava uivos de dor.

Evanz não reparou em nada disto. Como um louco, pulou para os Colt, conseguindo apanhar um com a mão direita. Feito isto, saltou com a agilidade de um puma, ganhando o monte de terra, enquanto os quatro começavam a atirar.

Milagrosamente, nem um só balaço o acertou. Rolou para o outro lado do monte, de terra e disparou uma vez. Apenas uma.

Um homem de Richardson dobrou-se em dois e caiu dentro da sepultura aberta.

Evanz tornou a atirar e mudou de lugar. Outro homem rolou por cima da tumba de Alina, mas compreendeu que nunca, salvo um milagre, conseguiria exterminar os outros dois.

Três, contando com Richardson que, com um Derringer na mão e o outro Colt que apanhara do chão, na outra, dava uma volta para surpreendê-lo pelas costas.

Pensava nisto, tentando descobrir onde estariam escondidos os outros dois pistoleiros, quando o auxílio chegou de modo eficaz, vindo do meio das árvores, a menos de vinte metros de distância.

Richardson sentia os braços infernalmente doloridos, mas resolvera liquidar para sempre, o último descendente dos Evanz de Nova Orleans. Julgava erradamente que, tão logo o pistoleiro matasse seus dois homens, chegaria a sua vez.

Assim, quando os dois primeiros caíam, abatidos por dois balaços bem dirigidos, Richardson apanhou o Colt que Evanz não conseguira pegar, tirou o "Derringer" do coldre de ombro e correu, dando uma volta para apanhá-lo pela retaguarda.

Careteava sinistramente, quando conseguiu seu objetivo. Durante alguns segundos, divertiu-se com o olhar fixo nas costas de Evanz, à altura do coração, onde iria meter-lhe o chumbo suficiente para arrebatá-lo a vida. Viu com este, com o olhar dirigido para a frente, tentava localizar o esconderijo de seus dois homens.

Lentamente, com uma vagareza desconcertante, Richardson levantou o 45 e firmou o cano.

Foi então que Crystal, da sela de seu cavalo, apertou o gatilho do Winchester e a negra boca da arma incendiou-se numa longa e vermelha labareda.

Richardson deu um salto para trás, impelido pelo pesado projétil, com o rosto e cabeça já transformados numa posta de carne ensangüentada.

Quase imediatamente, irromperam quatro cavaleiros a todo galope. Mas nem todos chegaram às sepulturas. Um deles, cavalgando ao lado de St. Loman, abriu os braços em cruz e rodou para o solo, sem um só gemido.

Contudo, quem o matou nada mais pôde fazer, pois de sua trincheira, o assombrado Evanz derrubou-o com um balaço bem no meio da cabeça. O outro ficou escondido, até que pouco depois achou melhor entregar-se sem disparar um só tiro.

Foi Crystal quem ordenou ao capitão do "Nepente" que o amarrassem e conduzissem à presença do xerife de Rosedale. Só então aproximou-se de Evanz. Primeiro olhou para a sepultura e depois para ele.

- Lamento, Jack - disse simplesmente. Sem saber como, ele adivinhou que ela dizia a verdade.

A seguir, sem qualquer troca de palavras, Evanz, St. Loman e os outros, todos procedentes do barco, começaram a depositar os cadáveres de Richardson, O'Hara e os outros, na última sepultura. A que seria de Jack Evanz.

Mais tarde, já a caminho de Rosedale, Evanz aproximou seu cavalo do de Crystal, emparelhando com ela.

- Como, demônios, foi tão oportuna?

Ela poderia perfeitamente responder que não deixaria morrer o homem que amava, embora ele fosse de outra, mas disse algo bem diferente.

- Afastei-me assim que você chegou às rochas, Jack, mas não fui muito longe. Fiquei por ali até que tudo terminasse, mas em seguida compreendi o que acontecera e fui até o barco. Pelo que vejo, não me tinha enganado.

- E que pensava fosse acontecer, Crystal querida?

Ela sorriu fracamente.

- Estava certa de que se ainda estivesse viva, Alina tornaria a implorar-lhe a vida de Richardson e você prometeria não matá-lo. Estava certa, não?

- Sim, menina. Certíssima.

Continuaram cavalgando em silêncio, até que ela falou novamente para formular uma pergunta que já fizera outras vezes:

- E agora, Jack?

- Agora, quando o julgamento terminar e essa confusão de xerife e tudo o mais, irei a Nova Orleans.

- A Nova Orleans? Para que?

- Uns amigos de Alina recolheram nossa filhinha, Crystal.

- Jack! Isso sim, que é surpresa. Mas você... precisará de uma mãe para ela.

Mordeu os lábios, percebendo que falara demais, ao passo que Evanz continuava calado, sem replicar à clara insinuação.

Chegavam às primeiras casas de Rosedale, quando Crystal murmurou, parecendo pensar em voz alta:

- Se quiser, posso levá-lo até lá no "Nepente", Jack.

- Que. ..

— Tenho que ganhar dinheiro e preciso de alguns dólares. Isto é, sempre me fazem falta, Jack. Como já lhe disse antes, sou uma jogadora e meu verdadeiro elemento é o rio.

Evanz preferiu não discutir o ponto de vista da moça naquele momento, sabendo-o tão falso como a alma do demônio.

- Está bem, Crystal – falou. - Se puder esperar-me, ficarei muito grato.

- Todo o tempo que quiser, Jack - replicou ela.

Não falaram mais até o gabinete do xerife, de onde só saíram quando o sol tornou a aparecer no horizonte.

Sete dias mais tarde, após efetuadas as verificações, o rancho de Jess Richardson passou para o nome de Evanz e o "Nepente" levantou âncoras, começando a mover-se, primeiro pouco a pouco, para tomar velocidade depois. Rosedale foi ficando para trás, até perder-se numa curva do rio.

Quando trinta dias depois retornou a Rose-dale, apenas dois passageiros desceram do "Nepente": Jack Evanz e sua filhinha Mabel, uma linda lourinha de uns seis anos de idade.

Uma menininha adorável, que a bordo do barco procurava por Crystal Dumeine a todos os momentos, enquanto seu pai fugia à companhia da jogadora.

Uma criança que, apesar de sua pouca idade, tinha os belos olhos cheios de lágrimas, ao descer a passarela do "Nepente".

Enfim, uma menina que virou várias vezes a cabecinha para trás, até que o "Nepente" desapareceu de vista agora rio acima.

O "Nepente" demorou cerca de dezoito meses para voltar. Como da vez anterior, ninguém pertencente à tripulação desceu pela passarela, embora entrassem e saíssem alguns passageiros.

Durante todo aquele tempo, Crystal não mudara. Para todos continuava sendo a mesma jogadora fria e calculista. Para todos, permanecia atenta apenas ao que lhe interessava. Para todos, enfim, tinha apenas uma ambição na vida: os dólares que poderia ganhar, rio abaixo ou rio acima.

Entretanto, para os que a conheciam bem, para os que conviviam intimamente com ela, Crystal sofrerá uma sutil mudança.

Os olhos.

Olhos que pareciam tão frios ou brilhantes como outrora, segundo as circunstâncias, mas nos quais, quem a conhecesse bem, notaria uma angústia infinita refletida em suas profundezas.

Urna angústia que a consumia pouco a pouco.

Portanto, aquela noite não era diferente das demais, apesar do "Nepente" estar ancorado diante do porto de Rosedale.

Ela sabia porque parará ali. Talvez fosse por isso que estava tão nervosa, no camarote transformado em sala de jogo e, como sempre, mergulhada numa partida de dados.

Perdendo várias vezes. Com as pernas enfiadas em meias rendadas, o vestido vermelho e apertado aberto da cintura até os pés, as plumas multi-cores. . .

Continuava perdendo infalivelmente.

Tanto que, no dizer do velho St. Loman que a contemplava, tomando uma taça de "Dourbon" no balcão, Crystal Dumeine perderia até a camisa naquela noite.

Lentamente, o capitão deixou o balcão e foi até a mesa, afastando os curiosos que contemplavam a partida.

Esperou que terminassem a jogada e tomou-a pelo braço.

Os olhos de Crystal faiscaram ao virar-se mas a expressão do rosto mudou imediatamente, ao perceber quem era que tomava aquela intimidade com ela.

- Sim, St. Loman - falou. - Houve algo?
O capitão do "Nepente" balançou a cabeça, negativamente, para replicar em seguida:
— Nada, a não ser que a noto muito cansada, mademoiselle Dumeine. Por que não se retira por esta noite?

- Estou jogando, St. Loman,
- É o que vejo - replicou ele, puxando por ela. - Ande, vamos. Tomaremos algo no balcão.

Crystal franziu o cenho, mas quase imediatamente virou-se para seus companheiros de jogo.

- Continuarei amanhã, "monsieurs" - disse, com um cândido sorriso. - Minha babá quer que eu me vá deitar e que seja uma boa menina por esta noite.

Afastou-se para o balcão, em companhia de St. Loman, seguida por um cortejo de sorrisos.

Já no balcão, diante de uma taça de "Bourbon", Crystal encarou o capitão:

- Que está pretendendo? - Eu...? Nada. Por que?

- Sabe que não gosto de ser interrompida quando estou jogando, St. Loman.

- Sim, mas agora está perdendo - olhou-a intensamente e sorriu. - É melhor ir para a cama, mademoiselle Dumeine. Por mais que tente dissimular, sabe que esta noite é diferente.

- Que, infernos, quer dizer, velho do demônio?

St. Loman deu uma risadinha e replicou:

- Que o "Nepente" está ancorado no cais de Rosedale. Ou será que não sabia, mademoiselle Dumeine?

- Que o demôn...!

Sem terminar a frase mal a iniciara, Crystal estendeu a mão de um modo repentino e esvaziou a taça de "Bourbon" com um só gole.

Depois, sem despedir-se, sem dirigir um sorriso para ninguém, abandonou a sala de jogo, dirigindo-se para seu camarote.

Sim, decididamente Crystal Dumeine mudara muito naqueles dezoito meses

Ela própria pensava nisso, ao abrir a porta e entrar em seu camarote, acendendo com nervosismo o candeeiro de petróleo.

Quase em seguida ouviu um leve rangido e virou-se como uma fera, introduzindo rapidamente a mão no seio.

Contudo, não a tirou. E quando o fez, o pequeno "Derringer" ficou entre aquele estojo de carne e seda, completamente quieto, adormecido.

- Jack.

Uma exclamação que saiu do mais profundo de seu ser, como o gesto de lançar-se para ele com os braços abertos, logo reprimido.

- Oh, Jack, confesso que não o esperava. E a menina? Como está Mabel?

- Demônios, Crystal! Saiba que me enganei. Pensei que sua primeira pergunta seria para saber de minha saúde - calcule-se, fazendo uma careta, para em seguida continuar: - Ela vai bem, Crystal. Foi por causa dela que vim.

Houve alguns minutos de silêncio, durante os quais Crystal tentou adivinhar o verdadeiro significado das palavras de Jack.

- Não entendo - murmurou afinal. - Quanto a você, pouco há que perguntar, pois o

tenho diante de mim. Não, jack, você não mudou. Apenas. .. vejo alguns fios do prata em suas têmporas. E diz que veio pela men... ..Evanz a interrompeu com um gesto, dizendo!

- Sim, é por ela, vim buscar sua nova mãe.

- Jack!

- A menina sente falta de você, Crystal. Sente falta e precisa de uma mãe. Pensei que, se você quisesse, poderíamos casar-nos em Nanchez, voltando depois para cá. Crystal levou as duas mãos ao busto e recuou um passo. Refez-se logo e sua voz era firme, quando indagou:

- É apenas por causa dela que deseja isso, não, Jack?

Evanz fitou-a longamente.

- Sim - repicou devagar. - Somente por isso. Seguiram-se alguns segundos de silêncio, rompidos por ela.

- É. . . é muito duro para mim, Jack. Mas aceito. . . por Mabel.

Evanz tornou a fitá-la, por mais tempo ainda.

- Apenas por ela, Crystal? - perguntou. -
Pensei que também estivesse apaixonada
pelo pai.

Crystal sorriu com tristeza.

- E é verdade, Jack. Sabe muito bem, não?
Evanz levantou-se e caminhou para ela,
segurando-a pelos ombros e percebendo
como tremia.

Imediatamente puxou-a para o peito e pro-
curou seus lábios, mas Crystal esquivou-se
várias vezes, até que finalmente ele a
prendeu pelos cabelos com a mão,
empurrando sua bela cabeça para trás.

Pode então beijá-la longamente.
Compreendendo o significado daquele beijo,
Crystal atirou-lhe os braços ao pescoço.

- Oh, Jack - sussurrou - Como. como
acontec...?

Um novo beijo não a deixou continuar e
quando terminou, foi Evan z quem tomou a
palavra:

- Não sei. Acho. . . que compreendi no dia
em que desembarquei em Rosedale, de uma
vez para sempre e você continuou, rio
acima. Sim, acho que foi naquele dia. . .

- Querido. . .! Vamos. . . casar-nos aqui, esta noite. Dentro de um momento, não?
Evanz não pode replicar porque agora foi ela quem o impediu, com os lábios sobre os dele.

FIM